



COLEÇÃO PROINFANTIL

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Básica
Secretaria de Educação a Distância
Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil



COLEÇÃO PROINFANTIL

MÓDULO IV

UNIDADE 5

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2

Karina Rizek Lopes (Org.)
Roseana Pereira Mendes (Org.)
Vitória Líbia Barreto de Faria (Org.)

Brasília 2006

Diretora de Políticas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental

Jeanete Beauchamp

Diretora de Produção e Capacitação de Programas em EAD

Carmen Moreira de Castro Neves

Coordenadoras Nacionais do PROINFANTIL

Karina Rizek Lopes

Luciane Sá de Andrade

Equipe Nacional de Colaboradores do PROINFANTIL

Adonias de Melo Jr., Amaliar Attalah, Ana Paula Bulhões, André Martins, Anna Carolina Rocha, Anne Silva, Aristeu de Oliveira Jr., Áurea Bartoli, Ideli Ricchiero, Jane Pinheiro, Jarbas Mendonça, José Pereira Santana Junior, Josué de Araújo, Joyce Almeida, Juliana Andrade, Karina Menezes, Liliane Santos, Lucas Passarela, Luciana Fonseca, Magda Patrícia Müller Lopes, Marta Clemente, Neidimar Cardoso Neves, Raimundo Aires, Roseana Pereira Mendes, Rosilene Silva, Stela Maris Lagos Oliveira, Suzi Vargas, Vanya Barbosa, Vitória Líbia Barreto de Faria, Viviane Fernandes

Coordenação Pedagógica

Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria

Assessoria Pedagógica

Sônia Kramer, Anelise Monteiro do Nascimento, Claudia de Oliveira Fernandes, Hilda Aparecida Linhares da Silva Micarello, Lêda Maria da Fonseca, Luiz Cavalieri Bazilio, Regina Maria Cabral Carvalho, Sílvia Néli Falcão Barbosa

Consultoria do PROINFANTIL – Módulo IV

Fátima Regina Teixeira de Salles Dias, Léa Velocina Vargas Tiriba

Autoria

Adrienne Ogêda Guedes, Ana Marta Aparecida de Souza Inez, Claudia Almeida Bandeira de Mello, Daniela de Oliveira Guimarães, Eduardo Sarquis Soares, Fátima Regina Teixeira de Salles Dias, José Alfredo de Oliveira Debortoli, Maria Inêz Mafra Goulart, Maria Isabel Ferraz Pereira Leite, Nuelna Gama Vieira, Vitória Líbia Barreto de Faria

Projeto Gráfico, Editoração e Revisão

Editora Perffil

Coordenação Técnica da Editora Perffil

Carmen de Paula Cardinali, Leticia de Paula Cardinali

O uso das imagens da pintora Tarsila do Amaral, contidas nesse livro, foram autorizadas pelo Sr. Guilherme Augusto do Amaral e demais herdeiros da pintora.

Ficha Catalográfica – Maria Aparecida Duarte – CRB 6/1047

L788

Livro de estudo: Módulo IV / Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes, Vitória Líbia Barreto de Faria, organizadoras. – Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância, 2006.
76p. (Coleção PROINFANTIL; Unidade 5)

1. Educação de crianças. 2. Programa de Formação de Professores de Educação Infantil. I. Lopes, Karina Rizek. II. Mendes, Roseana Pereira. III. Faria, Vitória Líbia Barreto de.

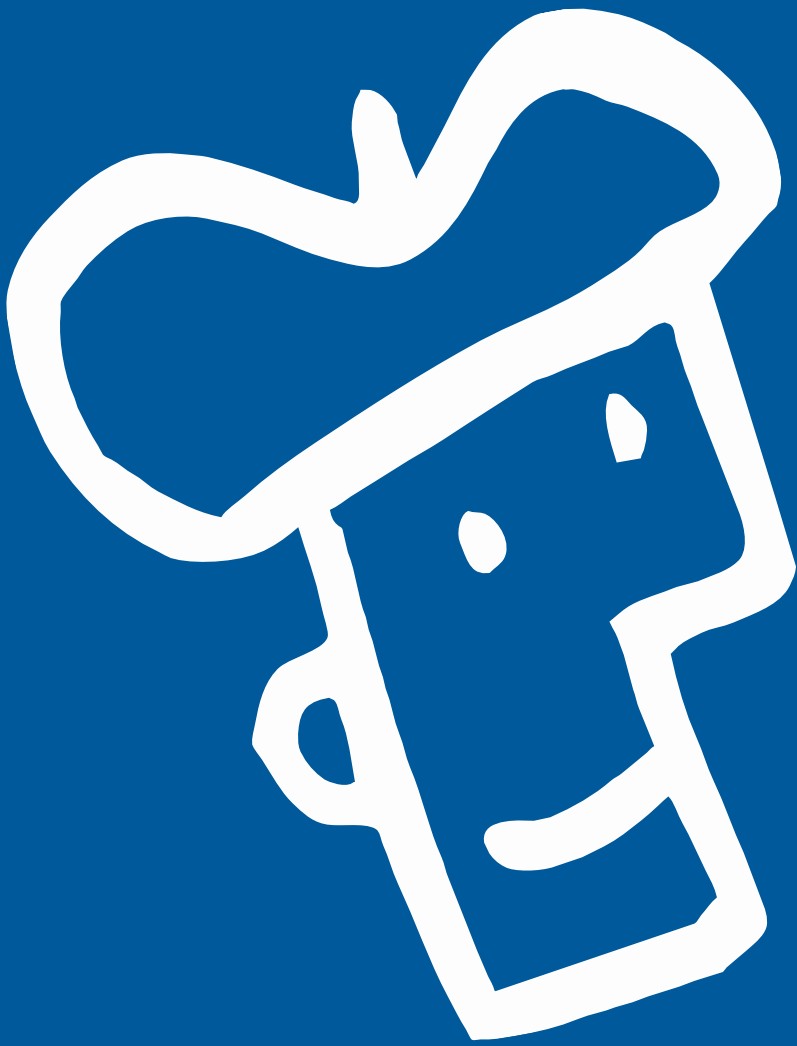
CDD: 372.2

CDU: 372.4

MÓDULO IV

UNIDADE 5

LIVRO DE ESTUDO - VOL. 2



SUMÁRIO

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS 8

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS DAS CRIANÇAS E AS INTERAÇÕES
COM A NATUREZA E A CULTURA (II): ARTES VISUAIS 9

Seção 1 – Arte: o singular que abrange o plural 11

Seção 2 – A construção do olhar, da escuta e dos movimentos
sensíveis: processos de apropriação artístico-cultural 20

Seção 3 – Pensando a arte nas creches, pré-escolas e escolas:
para além do simples fazer 27

Seção 4 – A diversidade expressiva das crianças nas artes visuais:
desenhos, pinturas, colagens, fotografias, cinema,
expressões tridimensionais etc. 30

ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO

O TRABALHO COM ARTES VISUAIS 43

Seção 1 – Desenhos: marcas e expressões das crianças 45

Seção 2 – Cores, formas e texturas 51

Seção 3 – Cantos, oficinas, ateliês e materiais: organizando o
trabalho com artes visuais 60

Seção 4 – Experiência estética: sensibilidade e gosto 63

C - ATIVIDADES INTEGRADORAS 72

B - ESTUDO DE TEMAS ESPECÍFICOS



FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO AS MÚLTIPLAS LINGUAGENS DAS CRIANÇAS E AS INTERAÇÕES COM A NATUREZA E A CULTURA (II): ARTES VISUAIS

*A nossa própria alma apanha-nos em flagrante nos espelhos
que olhamos sem querer.*

Mário Quintana¹



¹ Você já foi apresentado ao poeta Mário Quintana em outras unidades do PROINFANTIL. O poema que abre este texto, entre outros, pode ser encontrado no site <http://marioquintana.blogspot.com/>

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

Prezado(a) professor(a),

Ao longo das diferentes unidades do PROINFANTIL, temos discutido vários aspectos relativos ao desenvolvimento humano, ao modo como o ser humano se constitui ao longo de sua história, a partir das relações que estabelece com outros seres humanos. Aprendemos que, nesse processo, tanto somos influenciados pelos contextos em que vivemos quanto também influenciemos os contextos, modificando-os e deixando neles as marcas de nossa humanidade.

O homem deixa marcas de sua humanidade na medida em que, mediado pela linguagem, se relaciona com a natureza, a transforma e dá significação àquilo que faz, expressando-se. A linguagem é nosso sistema simbólico privilegiado, mediadora de nossa relação com o mundo. O que nos torna humanos é essa nossa capacidade de dar significação ao mundo e, assim, produzirmos cultura. A Arte, em suas diferentes facetas – literatura, cinema, teatro, música, dança e artes visuais – é uma forma de produção cultural do homem em relação com a natureza.

Nesta Unidade 5, vamos discutir um pouco sobre a Arte, situando-a como um movimento histórico, social e cultural, de grande importância para a formação de todos os sujeitos. Ao longo deste texto, sinalizaremos a importância de valorizarmos o processo criador das crianças e cuidarmos da qualidade daquilo que oferecemos a elas nas creches, pré-escolas e escolas onde funcionam turmas de Educação Infantil, destacando nosso papel diante da formação artístico-cultural dos pequeninos.

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Objetivos específicos deste texto:

1. Compreender a construção histórica do conceito de Arte e reconhecer suas diferentes facetas como linguagens mediadoras na interação da criança com a natureza e a cultura.
2. Compreender a relação de crianças e professores(as) com a Arte como base de sua formação cultural, exercício de autonomia e alicerce de seus processos de criação.
3. Reconhecer a singularidade da expressão de meninos e meninas e compreender a importância da autoria em seu processo criador.

4. Conhecer diferentes propostas que constituem a interface da Arte com a educação e compreender o papel das creches, pré-escolas e escolas como espaços privilegiados de desenvolvimento da imaginação, de apropriação e produção culturais de crianças e adultos.

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Este texto está dividido em quatro seções: a Seção 1 discute um pouco a Arte em geral, situando-a como um movimento histórico, social e cultural; a Seção 2 sublinha a importância da Arte na formação de todos; a Seção 3 detém-se mais na importância de valorizarmos o processo criador e autoral das crianças; e a Seção 4 destaca o papel das creches, pré-escolas e escolas onde funcionam turmas de Educação Infantil na formação artístico-cultural das crianças pequenas.

Seção 1 – Arte: o singular que abrange o plural

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:
- **COMPREENDER A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DO CONCEITO DE ARTE E RECONHECER SUAS DIFERENTES FACETAS – ARTES VISUAIS, MÚSICA, TEATRO E DANÇA**
- **COMO LINGUAGENS MEDIADORAS NA INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM A NATUREZA E A CULTURA.**



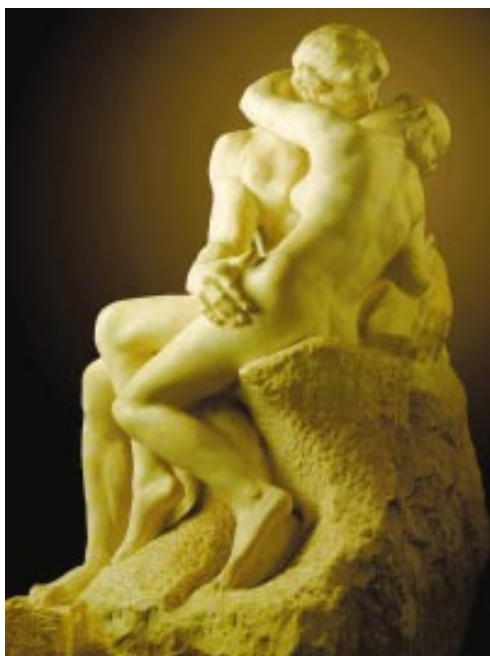
O que é Arte? Essa pergunta pode parecer tão fácil de ser respondida, mas é bom pensarmos um pouco sobre ela. O conceito de Arte tem se modificado ao longo da história da humanidade, dependendo dos instrumentos de que o homem dispõe e, ainda, da maneira como se organiza socialmente, produz cultura e se expressa. Vários pesquisadores e estudiosos vêm se debruçando sobre este conceito e as respostas a que têm chegado ao longo do tempo são as mais variadas.

Originalmente, a palavra “arte” indicava habilidade técnica necessária para realizar um objeto ou cumprir determinada atividade. Era considerado arte tanto o trabalho do mestre que fazia com apuro um objeto utilitário quanto o resultado da obra de um escultor, por exemplo. Aos poucos, foram-se chamando artesanato os trabalhos que se dedicavam aos objetos de uso cotidiano, ou àqueles produzidos com modelos ou em série.

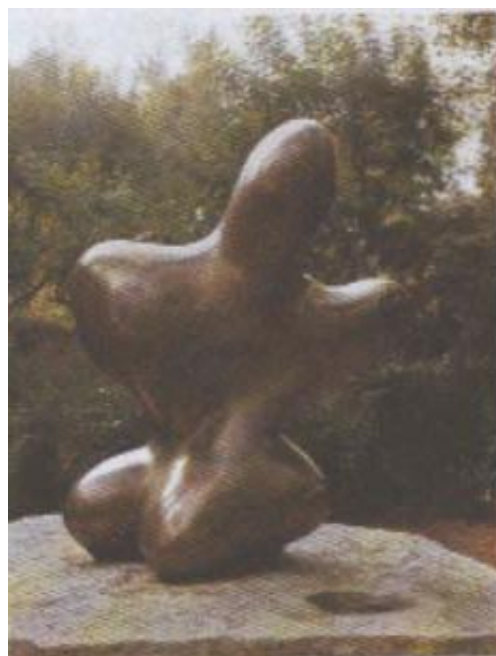
Por muitos séculos, a palavra “arte” esteve diretamente ligada à beleza, aos objetos que buscavam o belo. No campo das artes visuais, isso era traduzido pelas esculturas, pinturas e arquitetura. Num tempo mais recente, a busca do belo vai sendo substituída

pela comunicação de sensações, emoções e sentimentos – é atribuído valor estético à obra, despregado do critério de beleza.

Nos quadros abaixo, você pode ver duas esculturas de épocas diversas. A primeira é a escultura “O Beijo”, de Auguste Rodin, feita em 1886. A segunda é a escultura “Mulher”, de Hans Arp. Você percebe a diferença entre a forma de representar o corpo humano em ambas as esculturas? Na primeira, o artista busca tornar a obra o mais próxima possível das figuras reais. É uma escultura figurativa. Na segunda, o artista representa o corpo da mulher como ele o percebe. É uma escultura abstrata.



Auguste Rodin, “O beijo”



Hans Arp, “Mulher”

Com a passagem do século XIX para o XX e a invenção da fotografia, do cinema, de tantos aparatos tecnológicos, a Arte muda seu papel de retratar a vida como ela é idealizada e, quebrando com a situação vigente, levou o homem a repensar sua relação em sociedade e com a natureza. O século XX foi marcado, justamente, por muitas formas de expressão ligadas ao protesto, à ruptura, ao desejo de desacomodar o que estava estabelecido. São exemplos desse desejo de desacomodaçãõ as instalações, a arte interativa, a arte conceitual, a arte contemporânea etc.

Você já ouviu falar do francês Marcel Duchamp (1887-1968), que expôs um mictório numa exposição de arte? Imagine a polêmica que isso gerou! Essa possibilidade de desacomodar nossas percepções e retirar-nos do senso comum parece ser a essência

da Arte atual. No Brasil, Lygia Clark e Hélio Oiticica também ficaram famosos por suas transgressões nesta área.

No quadro ao lado você pode ver a obra “Parangolé nº 1”, de Hélio Oiticica, que é uma peça em lamê prateado confeccionada com gaze e outros materiais e que representa o jeito de corpo da malandragem carioca.

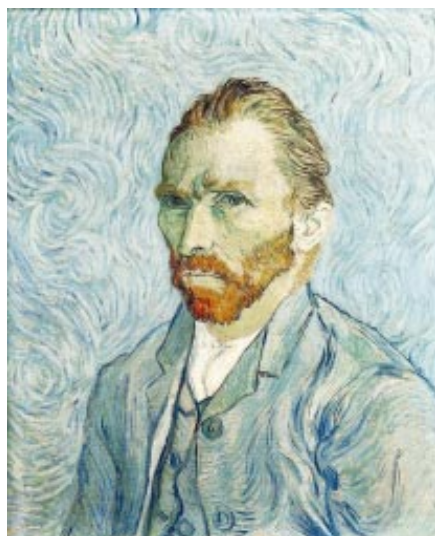


Hélio Oiticica, “Parangolé nº 1”

Hoje é cada vez mais difícil determinar a fronteira entre os objetos artísticos e aqueles cotidianos. Na prática, é o discurso quem atribui esse estado de arte aos objetos: é o crítico de arte e, em última análise, o mercado comprador, que estabelece a valoração às obras, conferindo-lhes o caráter, ou não, de objeto artístico. Isto é, o crítico elogia, a obra ganha destaque, o valor de venda sobe. Nesta perspectiva, inúmeros artistas hoje consagrados não foram sequer reconhecidos como artistas em sua época.

O exemplo do Vincent Van Gogh serve bem aqui: durante toda a sua vida este pintor holandês (1853-1890) foi sustentado pelo irmão e vendeu apenas um quadro – para este mesmo irmão. Hoje é, indiscutivelmente, reconhecido como um dos grandes artistas do século passado. No Brasil também temos muitos casos assim.

Abaixo você pode ver um retrato de Van Gogh feito por ele mesmo (auto-retrato) e um de seus quadros mais conhecidos: “Os Girassóis”.



Van Gogh, “Auto retrato”



Van Gogh, “Os girassóis”

Bem, mesmo que não tenhamos atualmente uma definição única e fechada para Arte, lidamos com alguns parâmetros e conceitos que nos amparam quando falamos dessa forma de expressão. Entre as várias possibilidades, optamos, neste texto, pelo entendimento de Arte como uma linguagem expressa de diferentes formas – artes visuais, dança, música e teatro –, que exige a **inteireza do homem**. O que seria isso? O fato de estarmos diante de uma expressão artística pode nos levar a sensações boas (alegria, arrepios, emoção, encantamento) e ruins (desgosto, tristeza, repulsa, angústia etc.). Portanto, a Arte não é sempre bela como se pregou um dia; pode até chocar! Vamos ver se conseguimos clarear isso.

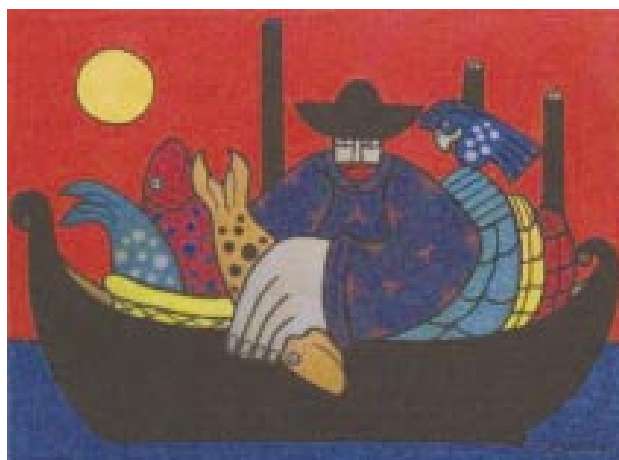


ATIVIDADE 1

Observe cada uma das obras de Arte retratadas a seguir. Tente descrever em seu caderno, em poucas palavras, o que cada uma delas provoca em você. Que sensações cada uma delas desperta em você?



“Sofá de lábios de Mae West”,
de Salvador Dalí, 1936.



“Voltando da Pesca”, de Marcos Oliveira,
extraído de HADDAD, D. A. e MORBIN, D. G.
A arte de fazer Arte. São Paulo: Saraiva, 2004, p. 16.

Diante de uma obra de arte, entramos num movimento que chamamos de **estranhamento** – um movimento de entrega, de tentar mergulhar naquilo que estamos vendo ou ouvindo para tentar entender. Mas entender o quê? Entender o que o artista quis dizer com o que fotografou, construiu ou imprimiu? Não, o artista não “quis dizer”: ele simplesmente pintou, dançou ou esculpiu. São linguagens complementares, mas diferentes! A fala é uma coisa, o desenho é outra, a música é

outra... Mas então há só um jeito de entender as peças de teatro, os filmes, ou as gravuras? De jeito nenhum! Cada um de nós, diante de uma obra de arte, terá um entendimento pessoal, particular; vai entender do seu jeito!

O que nos faz entender aquilo que vemos, lemos ou ouvimos? O mecanismo é o seguinte: cada um de nós tem um acervo de imagens, de sons, de movimentos, de palavras, cores etc. guardados, de alguma forma, em nossas memórias. A esse acervo também podemos chamar de **repertório**. Cada uma dessas imagens, sons ou movimentos está marcada com uma espécie de “sinal identificador”, para que, quando necessário ou desejado, possamos nos lembrar delas. São essas imagens, sons, palavras ou cores que nos fazem entender as novas imagens, sons, palavras ou cores que nos chegam. No caso deste texto, por exemplo, o que faz com que você entenda o que está lendo é o fato de você conhecer palavras em português e, ao ler o texto, colocar as informações que o texto lhe transmite em contato com outras informações que já possuía antes e, assim, compreender ou não o que está escrito. E se o texto estivesse escrito em japonês ou russo? Você conseguiria entender? Certamente só compreenderia se tivesse algum conhecimento desses idiomas. Pois bem: como cada um de nós tem memórias de imagens, palavras, movimentos ou sons diferentes, cada um de nós entende de uma forma diferente os novos sons, imagens, palavras ou movimentos que nos chegam! Por isso dissemos anteriormente que cada um, diante de uma obra, a entende de seu jeito.

Tudo o que vemos no cinema, ouvimos no rádio, contemplamos num quadro, assistimos numa dança etc. é acrescido ao nosso acervo de imagens, sons e movimentos, que, ao longo de nossas vidas e experiências, guardamos em nossa memória. A esse acervo também chamamos repertório.

O que fazemos, então, para poder compreender “do nosso jeito”, pessoal, autêntico? É o estranhamento, a que já nos referimos anteriormente, o movimento que permite que possamos entender a obra, dialogar com ela. Quando estamos diante de uma obra, acionamos nossos repertórios, buscamos diferentes ângulos de visão: ver de novo, de perto, de longe, aos pedaços, no todo. Vemos e lembramos de outras coisas que já vimos antes e que estão guardadas na nossa memória, comparamos, sentimos a diferença. O que a obra faz sentir? Em que ela faz pensar? O que ela lembra? Quanto mais obras vemos, ouvimos, assistimos, mais imagens, sons, movimentos,

palavras, sensações teremos em nosso acervo e, portanto, mais facilmente, com o estranhamento, poderemos compreender outras obras que conhecermos depois. É esse movimento que permitirá que nossas experiências com a Arte se ampliem a cada dia.

O que importa é que a Arte, através de nosso movimento de estranhamento, nos tira de nossa postura habitual e tantas vezes automática e corrida do cotidiano e nos leva a refletir de outra forma sobre a vida. Há um poeta mineiro, Otto Lara Resende (1922-1992), que tem um poema muito bonito sobre como os hábitos cotidianos vão nos impedindo de perceber muitas coisas interessantes. Leia um trecho desse poema no quadro a seguir.

“Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. (...) O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas e bichos. E vemos? Não, não vemos. (...) Nossos olhos se gastam no dia-a-dia, opacos”.

(Texto publicado no jornal “Folha de São Paulo”, 23 fev. 1992)

É bem assim que as coisas acontecem: a gente tem que estranhar para ver a vida de outra forma. E a Arte nos possibilita isso, já que a obra de arte nos fala não apenas sobre ela, mas também de nós mesmos, da sociedade, do mundo. A apreciação de uma obra de Arte faz com que nos percebamos cidadãos do mundo, do cosmos, ligados e responsáveis por essa relação homem-cultura-natureza. Daí termos escrito, anteriormente, que a Arte reclama a inteireza do homem. Ela nos leva para outros mundos, outras sensações, outros sentimentos. Ela mexe, não só com nossa cognição, mas com nossos afetos e, por isso, nos afeta.



ATIVIDADE 2

O movimento de ir e vir em direção à obra e acionar nossos repertórios de imagens, sons, cores etc. é o que chamamos de estranhamento. Ao longo das diferentes unidades do PROINFANTIL, você tem sido incentivado(a) a fazer esse movimento de estranhamento ao apreciar diferentes obras de arte de poetas, pintores e escultores. Escolha, entre os livros do PROINFANTIL, uma

dessas obras que tenha chamado sua atenção de modo especial e procure relacionar-se de maneira autônoma e pessoal com ela. Olhe para ela de perto, de longe, aos pedaços, como um todo. Procure pensar onde ela foi feita, a forma como foi feita. Alguma lembrança lhe vem à cabeça quando olha para ela? Você já viu alguma parecida? Ela lhe lembra alguma música? Que cheiro teria? Se pudesse imaginar seu sabor, qual seria? Por que você a escolheu? Que sentimentos essa obra desperta em você? Que perguntas você se faz diante dela? Anote suas conclusões em seu caderno e, na próxima reunião quinzenal, compartilhe com seus(suas) colegas as suas anotações.

A Arte, entendida como linguagem, e com sua definição tão complexa e dinâmica, pode ser expressa através da música, da dança, do teatro e das artes visuais – ponto de maior interesse para nós nesta unidade. Os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (MEC/SEF, 1998, vol.3) definem artes visuais como expressão, comunicação e atribuição de “sentido às sensações, sentimentos, pensamentos e realidade por meio da organização de linhas, formas, pontos, tanto bidimensional como tridimensional, além de volume, espaço, cor e luz na pintura, no desenho, na escultura, na gravura, na arquitetura, nos brinquedos, bordados, entalhes etc.” (p.85). Assim, o cinema, a fotografia, a pintura, a colagem, o desenho, a escultura, a construção, todas essas expressões pertencem à faceta da Arte conhecida como Artes Visuais.



Camille Claudel, “O Deus se elevando”



Como vimos, é importante que todo ser humano possa ter contato direto com a Arte. Mas, quando pensamos na criança, comumente nos vemos diante do desafio de pensar numa “arte infantil”. Pensar na relação da criança com a Arte tendo como parâmetro uma “arte infantil” é uma forma preconceituosa de compreender o papel que a Arte pode ter na vida da criança. Neste texto, discutiremos a universalidade da Arte e a necessidade de desconstruirmos alguns preceitos e pré-conceitos que engessam nossas práticas para, então, podermos pensar a Arte de outra forma.

Como já discutimos amplamente ao longo das várias unidades do PROINFANTIL, especialmente no Módulo II, a criança, com suas especificidades em relação a nós, adultos, é sujeito histórico, marcado socialmente por sua classe social, etnia, credo e gênero. A criança produz cultura na medida em que atribui significado ao seu entorno e que, em processo de transformação da natureza, se expressa com autoria e significação. Construindo seus conhecimentos sobre o mundo e suas experiências, está aberta para relacionar-se com a Arte como se relaciona com a vida, não precisando (nem merecendo) de um processo excludente e segregacionista em torno dela. O que queremos dizer é que a criança pode e deve apreciar diferentes obras de Arte, e não apenas aquelas direcionadas ao público infantil. Ouvir diferentes estilos musicais, observar quadros de diferentes pintores, ouvir e recitar poesias são práticas que ampliam o repertório das crianças, tornando-as capazes de apreciar, cada vez mais e melhor, as diferentes manifestações artísticas. Assim, fica o desafio para todos: só apresentaremos as nossas crianças às músicas infantis, aos filmes infantis, aos teatros infantis? Vale destacar que, limitando as linguagens oferecidas à criança, estamos, também, limitando seus instrumentos privilegiados de relação com o mundo no qual estão inseridas. Isso seria desejável? Talvez o poeta português Fernando Pessoa nos responda:

“O essencial é saber ver/ Saber ver sem estar a pensar/ Saber ver quando se vê/ E nem ver quando se pensa/ Mas isto! Triste de nós que trazemos a alma vestida!/ Isso exige uma aprendizagem profunda/ Uma aprendizagem do desaprender”

Fernando Pessoa

(disponível no site www.fpessoa.com.br)



Para você enriquecer seu repertório sobre poesia

Fernando Pessoa é um poeta que nasceu em Lisboa, em 1888, e morreu em 1935, também em Lisboa.

O material de formação do PROINFANTIL, em se tratando de Arte, tem feito um constante convite a você: o convite de, como professor(a), abrir-se ao novo, à escuta, ao olhar e aos movimentos sensíveis – apreciar a Arte que está no mundo e favorecer o acesso de suas crianças a ela. E isso, muitas vezes, passará pelo exercício do (des)aprender.

ATIVIDADE 3

Você tem explorado alguma forma de Arte com as crianças? Quais são as formas de Arte que você tem levado às crianças com as quais você trabalha? Como elas reagem a essas manifestações artísticas? O que elas parecem mais apreciar?

ATIVIDADE 4

Sabemos da importância de oferecer propostas significativas de trabalho com a Arte às crianças. Que tal, então, você fazer um levantamento na sua sala: tem algum pai, avó, tio ou mãe que toca instrumento, canta, dança, pinta, esculpe ou borda? Escreva o que você conseguiu descobrir. Seria muito bom que você, após fazer esse levantamento, pudesse convidar familiares das crianças com as quais você trabalha e de outros grupos da instituição para apresentarem seus trabalhos de expressões artísticas para as crianças. Essa é uma bela forma de estreitar laços com as famílias, de valorizar e preservar a cultura local e, sobretudo, ampliar e qualificar o repertório das crianças. Isso é especialmente importante numa sociedade como a nossa, em que, muitas vezes, as crianças ficam expostas por um longo período à TV, que veicula manifestações culturais muitas vezes de qualidade duvidosa e que nem sempre valorizam a cultura do meio de origem da criança. Daí a importância do espaço na escola para outros tipos de manifestações culturais diferentes daquelas veiculadas pela mídia.



Seção 2 – A construção do olhar, da escuta e dos movimentos sensíveis: processos de apropriação artístico-cultural

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- COMPREENDER A RELAÇÃO DE CRIANÇAS E PROFESSORES(AS) COM A ARTE COMO BASE DE SUA FORMAÇÃO CULTURAL, EXERCÍCIO DE AUTONOMIA E ALICERCE DE SEUS PROCESSOS DE CRIAÇÃO.

No decorrer da Seção 1, destacamos que, cada vez que nos relacionamos diretamente com uma obra de arte, seja ela um espetáculo de dança, uma peça teatral, uma expressão bi ou tridimensional ou, ainda, uma música, aguçamos o olhar, a escuta e movimentos sensíveis e ampliamos nossos acervos de imagens, sons, cores e movimentos. Discutimos ainda que, ao buscarmos ampliar os acervos das crianças com relação à Arte, o fato de serem trabalhos destinados às crianças não exige que sejam, necessariamente, "repertórios infantis", no sentido de serem empobrecidos ou de menor qualidade estética. Mas qual é a importância dessa ampliação de acervos? Aí temos vários pontos para destacar sobre os quais procuraremos discorrer ao longo desta seção, a saber: formação cultural, possibilidade de autonomia na trajetória de apropriação artístico-cultural e processo criador.



Priscilla Silva Nogueira

Podemos começar refletindo sobre a nossa própria formação enquanto sujeitos capazes de apreciar a Arte e suas diversas manifestações. Todo conhecimento humano foi construído ao longo da história da humanidade com a contribuição de todos, razão pela qual esse conhecimento pertence a todos os seres humanos. Entendida dessa maneira, a formação é direito de todos os cidadãos e, como professores(as), temos o papel de ampliar a circulação dos diversos conhecimentos e favorecer sua apropriação por parte dos educandos.

O que nos interessa neste texto é falar dos conhecimentos no âmbito artístico-cultural, que poderíamos traduzir em conhecimentos estáticos e poéticos. Eles são, certamente, diferentes daqueles conhecimentos científicos, como os que você tem conhecido ao longo de sua formação acadêmica. São, também, diferentes daqueles conhecimentos espontâneos ou cotidianos que você constrói permanentemente em sua vida diária, na rua, com colegas, no mercado, com a família. Vale frisar, entretanto, que não há conhecimentos mais importantes do que outros – são todos diferentes, mas igualmente fundamentais em nossa formação.

Os conhecimentos que privilegiadamente falamos nesta unidade são aqueles ligados à Arte em suas expressões visuais, teatrais, musicais ou corporais. Eles são as bases do que chamamos de **formação cultural**. Essa formação se dá não apenas nas instituições formais de educação – instituições de Educação Infantil, escolas ou universidades –, mas, sobretudo, em espaços educativos como museus, cinemas, teatros, salas de espetáculo, bibliotecas etc. Os conhecimentos estéticos e poéticos também se caracterizam por sua perspectiva não-instrumental, isto é, por sua não-aplicabilidade imediata e pela impossibilidade de mensuração. A Arte, em suas múltiplas formas expressivas, não desvincula a cognição da afetividade, o corpo da alma, e se alicerça não no hábito e na normatização, mas no prazer e na **transgressão**.

Há vários tipos de conhecimento, em especial, os científicos, os cotidianos e os conhecimentos do âmbito artístico-cultural, também chamados de conhecimentos estéticos e poéticos, que são a base da formação cultural. Todos têm a mesma importância.

Os conhecimentos estéticos e poéticos, como os demais, também são construídos na relação com o outro e com os objetos de cultura – cinema, teatro, dança e artes visuais. Derivam do que chamamos **experiência estética**. A experiência estética é a possibilidade que temos de nos defrontarmos diretamente com a obra através do estranhamento de que falamos na seção anterior e nos deleitarmos com ela. É a possibilidade de vivermos intensamente a relação com a obra de arte, entregues de corpo e alma. A experiência estética nos afeta e permanece em nós, deixa-nos diferentes, marcados por aquilo que vimos, ouvimos ou vivemos esteticamente.

Você se lembra de já ter visto uma imagem ou ouvido determinada música ou mesmo assistido a um filme que tenha realmente lhe marcado, que você guarde de forma especial na memória e no coração? Então, isso é fruto da experiência estética vivida por você. É interessante perceber que a nossa relação com a natureza também pode deflagrar experiências deste tipo. Afinal, a natureza também nos oferece seus encantos, seus sons, suas imagens, odores, sabores. Você já ouviu falar em Pier Paolo Pasolini, um grande cineasta italiano (1922-1975)? Certa vez, num livro chamado “Jovens infelizes – antologia de ensaios corsários” (1990), esse cineasta escreveu sobre esta experiência “com as coisas” e disse o seguinte:



“Eu, quando falo com você, posso até esquecer, ou querer esquecer, o que me foi ensinado com as palavras. Mas não posso jamais esquecer o que me foi ensinado com as coisas.” (p. 131)

É bem por aí: viver intensamente aquilo que estamos vendo/ouvindo de forma a nos entregarmos à experiência, deixarmos que a emoção, a memória, a atenção e a desatenção, a tensão e a distensão possam apossar-se de nós, e fazermos com que a experiência reverbere e se expanda como em ondas dentro de cada um, proporcionando o que chamamos de experiência estética.

Um exemplo dessa experiência é quando, por exemplo, uma pessoa diante de uma beleza natural como as Cataratas do Iguazu, na fronteira do Paraná, fica muda diante daquela grandiosidade de beleza! Um pequeno texto de um poeta uruguaio ao qual você já foi apresentado em outras unidades do PROINFANTIL, Eduardo Galeano (1940), que escreveu sobre o impacto de um menino que avistou o mar pela primeira vez, exemplifica bem a experiência estética que o contato com a natureza pode proporcionar:

A função da arte/1

Diego não conhecia o mar. O seu pai, Santiago Kavadloff, levou-o para que descobrisse o mar. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai, enfim, alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai: – Me ajuda a olhar!

(GALEANO, E. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 1997)

Assim como o menino que pede ao pai que o ajude a olhar a beleza do mar, as crianças com as quais trabalhamos esperam de nós que possamos ajudá-las a viver experiências de apreciação do que há de belo na natureza e também nas produções humanas. Nossa responsabilidade neste processo de “ajudar a olhar” é grande. Ajudar a ver, ouvir, mexer, sentir; o que não é o mesmo de ver pelo outro, ouvir pelo outro, sentir pelo outro.

Assim, uma das razões pelas quais devemos nos relacionar cada vez mais com obras de arte variadas é porque elas são a base de nossa formação cultural. Mas há outras razões para fazermos isso, como, por exemplo, a autonomia na trajetória de apropriação artístico-cultural.

Creio que você já deve ter ouvido muita gente falando que não gosta de cinema ou de museu porque não entende nada de Arte. Isso acontece, em parte, porque durante anos e anos as pessoas ditas cultas eram minoria e não queriam compartilhar seus conhecimentos com os demais. Então, faziam tudo para que a maioria da população acreditasse que o conhecimento era algo intangível, feito para uns poucos privilegiados.

Até mesmo a construção dos museus mais antigos, como o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro, era de tal forma solene que transmitia a idéia de opulência e afastava o povo de seu interior.



Essa idéia de que o conhecimento só seria acessível a uns poucos privilegiados fez com que se chegasse a pensar que algumas pessoas não tinham, sequer, capacidade de aprender. Os estudos que você vem desenvolvendo ao longo das unidades do PROINFANTIL mostram que as coisas não são assim. Somos diferentes uns dos outros e cada um tem um ritmo próprio e uma forma singular de se relacionar com o mundo; cada um viveu experiências únicas e, conseqüentemente, vem construindo seus conhecimentos de determinada forma. Todos têm não apenas vários potenciais e capacidades, mas ainda inúmeros conhecimentos de natureza cotidiana.

Pois bem, quando falamos de conhecimentos estéticos e poéticos também estamos cercados de gente nos dizendo que só se pode admirar uma obra se conhecemos a fundo a História da Arte, os Fundamentos da Arte etc. Entretanto, as coisas não acontecem dessa forma. Acabamos de ver que, diante de uma obra, a primeira coisa a fazer é deixar-se levar pela experiência estética. Essa experiência, como todo processo de construção de conhecimentos, nos levará a mais perguntas, mais questões. Você reparou que, quanto mais se estuda, mais se quer saber, mais coisas se quer conhecer? Quando vivemos o prazer da experiência estética, procuramos ir cada vez mais ao cinema ou assistir a vídeos, buscamos freqüentar mais os museus ou ler livros de arte, ouvir mais músicas, seja no rádio, no aparelho de som ou nos shows, admirar mais espetáculos de dança, seja ao vivo ou pela TV. A cada dia nosso repertório estará se ampliando, assim como nossa formação

cultural. Em Arte, assim como em outros campos do conhecimento humano, há sempre algo mais para se saber: qual a técnica utilizada pelo artista? A que movimento esta pintura pertence? Quem foi este pintor? De início, o importante é que a pessoa tenha **autonomia na trajetória de apropriação artístico-cultural**, que é a possibilidade de exercitar um olhar e uma escuta pessoais diante da obra vista/ouvida. No processo de apropriação ocorre a construção de olhares, escutas e movimentos sensíveis que você experimentou e acumulou ao longo de sua vida. Quanto mais experiências estéticas, maiores as possibilidades de apropriação artístico-cultural.

Por fim, devemos estar diante de obras de arte também para ampliarmos nossa capacidade criadora. Para que você compreenda isso, temos que discutir, mesmo brevemente, o **processo criador**. Por mais singela e simples que pareça a criação, ela deve ser valorizada, pois é um movimento fundamentalmente humano. O psicólogo e pesquisador russo Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934), que você já conheceu em outros módulos do PROINFANTIL, em especial no Módulo II, muito se dedicou ao processo criador. Ele tem um livro que foi traduzido para o espanhol em 1987 ("La imaginación y el arte en la infancia" – Hyspánicas SA – México), que já mencionamos na apresentação do Módulo II. Nesse livro, Vygotsky escreve o seguinte: "existe criação não só na origem dos acontecimentos históricos, mas também onde o ser humano imagina, combina, modifica e cria algo novo, por mais insignificante que esta novidade pareça ao comparar-se com as realizações dos grandes gênios" (p.11).

Entretanto, vale destacar que ninguém cria do nada. Toda criação é fruto da reorganização de elementos já existentes, porém de maneira inaugural, nova. Ora, se nossa criação parte de elementos existentes em nosso acervo, fica clara, aqui, a razão pela qual devo cuidar de ampliá-lo e qualificá-lo permanentemente, certo? Quanto mais experiências com a Arte eu tiver, mais elementos de base para criação terei. Afinal, todo processo de criação é, em última análise, um movimento de (re)criação.



As crianças com as quais trabalhamos são, assim como nós, sujeitos em formação cultural permanente, consumidores críticos e produtores de cultura. Portanto, o papel do(a) professor(a) é favorecer a autonomia destas crianças diante das obras, para que possam dar respostas singulares àquilo que vêem ou ouvem, que possam assim adquirir uma formação cultural bem ampla e qualificada e, ainda, produzir suas expressões teatrais, corporais, musicais ou visuais.

A apropriação artístico-cultural das crianças tem tempo e ritmo próprios; ocorre na medida em que estabelecem um diálogo direto com diferentes obras, acionando seus acervos, afetividade e cognição, possibilitando múltiplos olhares e sentidos. E será tão mais intensa quanto mais exercermos o papel de instigar sua curiosidade e provocar novas indagações.



ATIVIDADES



Descreva uma atividade que você tenha desenvolvido com as crianças com as quais trabalha na qual você considera que houve autonomia da criança ao exercitar sua apropriação cultural, interpretando “do seu jeito” as coisas, opinando, falando e comentando. Você acredita que essa atividade tenha contribuído para o desenvolvimento das crianças? Por quê?

É importante que o(a) professor(a) esteja atento(a) àquelas situações do dia-a-dia nas quais aparentemente as crianças estão exercitando sua autonomia, mas que, analisadas com maior cuidado, podem revelar um direcionamento das situações pelo adulto, impedindo a livre expressão criativa das crianças.

Quando todos cantam a mesma música com os mesmos gestos ensinados pelo(a) professor(a), não podemos afirmar que as crianças estejam exercendo sua autonomia interpretativa. Quando colorem papéis mimeografados com desenhos feitos pelo adulto, as crianças certamente não têm a possibilidade de exercitar sua criatividade. Muitas vezes o(a) professor(a) julga estar contribuindo para a formação estética das crianças oferecendo a elas desenhos para colorir, por exemplo. Entretanto, essa prática impede que a criança exercite sua própria criatividade, uma vez que a imagem já está previamente construída, sem que ela tenha uma participação mais ativa nesse processo. Assim como para a criança, a atividade artística precisa ter significado

para o(a) professor(a), afinal, se este(a) também não estiver exercitando sua autonomia, não terá meios para incentivar a autonomia das crianças. Quando o(a) professor(a) se interessa por experiências estéticas e amplia seus próprios repertórios, realizando pesquisas para ter mais a oferecer às crianças, ele(a) contribui para a ampliação do repertório dos pequeninos.

Há ainda mais um desafio que tem reflexo direto em nossas práticas: a superação das práticas de expressão artística desenvolvidas com as crianças e que são baseadas na reprodução de programas de TV, shows estereotipados, danças reduzidas a movimentos mecânicos e sem significação e músicas com os mesmos arranjos empobrecidos. Essas práticas ampliam a “cultura enlatada”, padronizada e impedem a manifestação dos elementos da cultura popular, diferente em cada região. Portanto, quando a proposta pedagógica da creche, pré-escola ou escola que possui turma de Educação Infantil tem como foco a valorização da cultura da comunidade na qual está inserida, tendo também o compromisso de valorizar e incentivar as manifestações culturais dessa comunidade, as práticas que incentivam a reprodução dos padrões veiculados pela mídia devem ser substituídas por práticas que valorizem a cultura local.

Seção 3 – Pensando a arte nas creches, pré-escolas e escolas: para além do simples fazer

**OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:
- CONHECER PROPOSTAS QUE CONSTITUEM
A INTERFACE DA ARTE COM A EDUCAÇÃO
E COMPREENDER O PAPEL DAS CRECHES,
PRÉ-ESCOLAS E ESCOLAS COMO ESPAÇOS DE
IMAGINAÇÃO, DE APROPRIAÇÃO E PRODUÇÃO
CULTURAIS DE CRIANÇAS E ADULTOS.**



A questão da autoria e da valorização da produção da criança também pode ser situada no tempo e no espaço. É com Anita Malfatti e Mário de Andrade, na Semana de Arte de 1922, em São Paulo, que a produção do desenho infantil e demais linguagens da infância passam a ter destaque e a atenção de olhares diferenciados. Propondo o desenvolvimento da livre-expressão, uma preocupação com o “deixar fazer”, vários artistas procuravam compreender a criança em suas atitudes, livres de influências.

Apesar deste impulso para a expressividade, não houve uma mudança estrutural no ensino da arte, que continuou marcado pela valorização das técnicas e habilidades manuais com padrões estéticos ligados à cópia de modelos, alicerçados numa visão bastante utilitária e instrumental, típica de um estilo que havia sido introduzido no Brasil no início do século XIX, por D. João VI.

Uma ruptura maior com este modo de conceber o trabalho com Artes na escola só passou a fazer parte das propostas institucionais nas décadas de 60 e 70. Uma vez que a criança passou a ser o foco do processo de ensino-aprendizagem nas escolas, o ensino da Arte acompanhou timidamente esta tendência, passando a valorizar mais a expressão, mais o processo do que o produto. Entretanto, ainda hoje este aspecto é ponto de tensão, pois este movimento, denominado arte-educação, ganha diferentes contornos e acabou, muitas vezes, criando uma terceira esfera, que nem é mais a da Arte, tampouco a da educação. A Arte, então, acabou confinada, nas instituições educativas, a um espaço secundário, a *serviço* de outras disciplinas ou conteúdos de caráter mais cognitivo. Os espaços educativos institucionais têm, historicamente, valorizado um único saber – o científico – e acolhido uma única linguagem – a escrita. Isso ainda é muito presente hoje.

A tensão entre a Arte e outras formas de conhecimento do mundo se faz permanente por ser a Arte, como já vimos, baseada na autoria, na quebra de modelos (transgressão). E a escola, historicamente, é espaço de coerção e normatização. Portanto, estruturada sobre modelos e grades. Então, como romper com esta estrutura engessada e ortopédica? O que se defende hoje é que as instituições educativas – sejam elas de que nível forem – possam ser espaços de participação, respeito, troca, socialização e aprendizagens diversas, que contribuam para a formação de sujeitos integrais, críticos, autores e autônomos. Espaços de múltiplas linguagens e expressões, espaços privilegiados de apropriação e produção cultural de adultos e crianças.

Assim, o desafio é não diminuir a Arte e não transformá-la numa outra coisa, mas trazê-la para dialogar com as creches, pré-escolas e escolas, contribuindo para torná-las espaços mais humanizados, plenos de autoria e expressividade. A Arte, afinal, não pertence às creches, pré-escolas e escolas e não deve ser subserviente ou ficar a serviço de outros interesses. Ela vem abrir as portas e janelas das instituições educacionais para mostrar a vida de outra forma – estética e poética – e favorecer o transbordamento das múltiplas linguagens da criança, favorecendo o acesso e estimulando as diferentes formas de expressão artística, aqui, mais especificamente, visual.





Tudo o que temos discutido neste texto tem levantado a questão de que as creches, pré-escolas e escolas devem ser espaços privilegiados de apropriação e de produção visual das crianças. Elas devem ter acesso a livros, imagens, filmes, fotografias, cenários naturais, pinturas, colagens, esculturas, formas arquitetônicas e desenhos diversos. De outra feita, devemos, também, estimular que desenhem, pintem, colem, recortem, modelem, fotografem, construam com sucata, sempre experimentando materiais diversos, tentando, tentando, tentando novamente, transformando, destruindo, criando objetos, começando de novo, transformando mais uma vez a qualquer hora que tenham necessidade e desejo, tendo respeitados seu tempo de criação e, especialmente, seu produto como uma linguagem visual autoral e singular.

O objetivo das creches, pré-escolas e escolas que possuem turmas de Educação Infantil, no que tange às artes visuais, deve se estruturar na idéia de que as crianças possam aflorar em suas expressões, desenhando, pintando ou modelando, sem bloqueios, a partir de suas necessidades e desejos, acessando continuamente diferentes códigos estéticos de diferentes culturas – regionais, nacionais ou internacionais – ampliando, assim, seu conhecimento do mundo e sua maneira de colocar-se neste mundo. Não se trata, então, de impor conteúdos e aprendizados, mas de oferecer experiências estéticas significativas que possam ser incorporadas e que venham ampliar seus repertórios visuais, contribuindo com sua formação cultural.

Seção 4 – A diversidade expressiva das crianças nas artes visuais: desenhos, pinturas, colagens, fotografias, cinema, expressões tridimensionais etc.

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- RECONHECER A SINGULARIDADE DA EXPRESSÃO DE MENINOS E MENINAS E COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DA AUTORIA E SEU PROCESSO CRIADOR.

Até aqui, nos reportamos à Arte de forma mais genérica, pois os processos de apropriação nas diferentes linguagens (o estranhamento, a experiência estética) são mais abrangentes. A partir daqui vamos restringir-nos às artes visuais em suas especificidades.

Começamos pelo desenho, uma atividade presente no cotidiano das creches, pré-escolas e escolas e que vamos retomar cuidadosamente no texto de OTP.



Muitos autores têm se preocupado em descrever as diferentes etapas do desenvolvimento gráfico de crianças. Jean Piaget, baseando-se nos estudos do francês George-Henri Luquet, estudou as fases de desenvolvimento infantil a partir de uma divisão em etapas ligadas às idades da criança. Luquet chama as fases de desenvolvimento do desenho infantil de:

- Realismo fortuito: a criança risca o papel como uma forma de exercício motor, sem a preocupação de coordenar seus movimentos.
- Realismo gorado: a criança ainda não coloca os elementos que desenha na totalidade de um conjunto. A figura humana geralmente é representada por um círculo dotado de braços e pernas.
- Realismo intelectual: a criança já organiza os elementos do desenho numa totalidade. A criança desenha o que sabe que existe, e não o que ela vê (exemplo: ao desenhar um cavalo de perfil, desenha suas quatro patas).

- Realismo visual: a criança já não desenha as partes ocultas dos objetos quando vistos a partir de determinado ponto de vista.

Caso você deseje conhecer mais sobre essas fases, você pode encontrar mais informações no livro cuja referência apresentamos a seguir:

PIAGET, J., INHELDER, B. A psicologia da criança. DIFEL, 1976.

Ao estudarem o desenho infantil, esses autores buscam perceber o que esses desenhos têm em comum entre eles, o que têm de igual. Existe outra forma de observar e analisar os desenhos infantis: enfocando justamente aquilo que eles têm de singular, de único, de marca pessoal daquela criança – de diferente!

O desenho da criança, suas pinturas, colagens etc. são **narrativas visuais**. Enquanto desenha, a criança canta, se mexe, rebola, anda, ri, fala. Cada desenho contém uma história e uma dinâmica próprias ali retratadas. Se cada criança tem uma história de vida que é única, se cada uma vive experiências estéticas diferentes, se cada uma se relaciona de forma autônoma com as obras que vê e, assim, constrói acervos diversos em sua memória, portanto, cada uma tem coisas diferentes a narrar; não podemos esperar que seus desenhos sejam iguais. O desenho da criança é fruto de suas memórias, sensações, vivências, em diálogo permanente com sua imaginação. É um transbordamento, um jogo expressivo de meninos e meninas. Por isso é tão importante que ofereçamos às crianças oportunidades para se expressarem livremente, expondo as produções infantis nos espaços da instituição.

É importante lembrar que, quanto mais amplo e qualificado for o repertório das crianças, maior e melhor será sua base para criação. Quando apresentamos às crianças obras de arte de diferentes pintores, esculturas, fotos etc., oferecemos a elas elementos para enriquecerem suas próprias produções.

Todas as crianças têm condições de se expressar através das linguagens visuais, cada uma do seu jeito, com seu ritmo, deixando suas próprias marcas e, por isso, devem ter suas produções respeitadas e valorizadas.



Quando pensamos nas condições oferecidas às crianças para sua produção expressiva, a variedade e qualidade também contam. Nas creches, pré-escolas e escolas, há diferentes formatos, cores, texturas e tamanhos de papéis? Os instrumentos (lápiz preto, giz de cera, caneta, lápis de cor, hidrocor, giz, carvão) estão em condições adequadas de uso? As crianças têm tempo disponível e desejo de desenhar? O suporte utilizado para o desenho (mesas, cadeiras, cavaletes etc.) está adequado ao tamanho das crianças e oferece comodidade de execução? Sabemos que, muitas vezes, não dispomos de condições consideradas ideais, mas é importante que, mesmo com limitações, tenhamos a preocupação de criar as melhores condições possíveis em termos de comodidade e opções de materiais para que as crianças se expressem através do desenho. Além da preocupação com as condições materiais para a realização do desenho, devemos nos preocupar também com as situações em que as crianças desenham. Como é feita a proposta para que elas desenhem? Há uma preocupação em incentivar as crianças a desenharem o que desejam? Os ritmos e interesses de cada uma das crianças são respeitados? É importante lembrar que só podemos falar de autoria, de deixar marcas, se todos tiverem liberdade para fazer suas opções e trabalhar em seu próprio ritmo.



Priscilla Silva Nogueira

Defendemos, ao longo deste texto, que toda a expressão da criança deve ser autoral, isto é, ela deve poder desenhar, colorir, pintar, esculpir, fazer colagens e construções do seu jeito, tendo respeitadas e valorizadas suas produções. Como

o(a) professor(a) pode contribuir para que isso aconteça? Primeiro, é preciso lembrar que não se pode esperar que as crianças simplesmente sigam um modelo. Além disso, é importante evitar comparações entre as produções das crianças, valorizando algumas mais que outras. Também é um desafio escaparmos da cobrança de resultados diretamente ligados às etapas de desenvolvimento gráfico. Por exemplo, se a criança já faz bonecos e formas reconhecíveis e, um dia, resolve apenas rabiscar, isso não significa que ela tenha regredido em seu desenvolvimento. Assim como muitos artistas têm “fases” diferentes em suas pinturas – que vão e voltam do figurativo ao abstrato, por exemplo –, as crianças também experimentam formas diversas para se expressarem.

Todas as crianças têm condições de se expressar através das linguagens visuais: cada uma do seu jeito, com seu ritmo, deixando suas próprias marcas e, por isso, devem ter suas produções respeitadas e valorizadas.

ATIVIDADE 6

Já que estamos conversando sobre as linguagens visuais e as possibilidades expressivas das crianças, que tal você listar, para depois debater em seu grupo, o que você costuma propor em termos do trabalho com artes visuais aos meninos e meninas com os quais trabalha? Ao construir esta lista, é importante pensar: temos proporcionado às crianças a expressão em linguagens variadas ou há uma delas que tem predominado? As atividades propostas estão ressaltando o caráter autoral das produções das crianças ou baseiam-se, privilegiadamente, na cópia e na reprodução?

Sabemos que há certos hábitos que estão muito enraizados em nossas práticas, mas também sabemos que, quando temos a oportunidade de refletir sobre essas práticas, a qualidade de nosso trabalho melhora significativamente.

O poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973) escreveu um lindo poema que pode nos ajudar a pensar melhor nessas questões:



“Morre lentamente quem não viaja, quem não lê, quem não ouve música, quem não encontra graça em si mesmo. (...) Morre lentamente quem se transforma em escravo do hábito, repetindo todos os dias o mesmo trajeto (...). Morre lentamente quem abandona um projeto antes de iniciá-lo, não pergunta sobre um assunto que desconhece ou não responde quando lhe indagam algo que sabe. Evitemos a morte em doses suaves, recordando que estar vivo exige um esforço muito maior do que o simples fato de respirar (...).”

(www.fabiorocha.com.br/neruda.html)

Os estudos que temos desenvolvido ao longo das diversas unidades do PROINFANTIL têm tido o objetivo de levá-lo(a) a refletir sobre sua própria prática e, ao mesmo tempo, convidá-lo(a) a viver intensamente sua opção profissional.

Quando vai desenhar, pintar, esculpir etc. a criança enfrenta, sim, o desafio motor. A melhor forma de enfrentar esse desafio é desenhando, pintando, esculpindo etc., isto é, não é necessário criar exercícios motores sem significação, reduzindo o desenho e a pintura aos seus aspectos puramente motores. Na medida em que desenha mais e mais, a criança aprimora seus movimentos e pode fazê-lo sem perder a dimensão criadora e autoral. Todo o movimento que ela faz ao trabalhar com a argila, com a massinha, com sucatas, desenhos, pinturas, colagens etc. estará favorecendo a qualidade de seus movimentos, inclusive para a escrita. Quando a criança tem oportunidades de desenhar, esculpir e modelar, não há a menor necessidade de que ela faça exercícios psicomotores específicos. Esse tipo de exercício esvazia o caráter autoral da expressão gráfica dos meninos e meninas com os quais trabalhamos e incentivam a reprodução de estereótipos.

A figura ao lado mostra a pintura feita por uma criança: “Lago com patos, pássaros e o sol”.



NEWBERY, E. Como e por que se faz Arte. São Paulo: Ática, p. 6.

Quando pensamos na relação entre o desenvolvimento do desenho infantil e o desenvolvimento de habilidades para a escrita, uma preocupação que muitas vezes já aparece na Educação Infantil, é importante lembrar que desenho e escrita são linguagens gráficas, portanto, próximas e até complementares, mas não são a mesma coisa. A escrita é alicerçada em códigos decifrados convencionados e o desenho lida com símbolos não convencionados, o que lhe dá um caráter mais autoral e livre, como a pintura, a colagem, a escultura. Mais uma vez, o que estará em destaque aqui para nós é a possibilidade autoral da criança em seus desenhos e não sua análise para servir de base para a avaliação deles.

Uma idéia que muitas vezes impede que os desenhos das crianças sejam apreciados em sua singularidade é a de que a criança, ao desenhar, mostra-nos tudo sobre ela e, assim, observando seus desenhos seria possível conhecê-las, analisando aspectos de seu comportamento a partir deles. O(a) professor(a) não é um(a) profissional com uma formação em Psicologia Clínica, portanto não tem habilidades para utilizar a expressão gráfica como fonte de análise psicológica dos pequeninos. A diferença pode parecer sutil, mas existe: olhando desenhos de crianças conhecerei cada vez mais e melhor seus desenhos, o que será sempre maravilhoso! Saber que determinada criança tem uma cor favorita, um tipo de traço que lhe é peculiar, um jeito próprio de ocupação da folha etc. Mas se o(a) professor(a) quer (e deve) conhecer mais as crianças com as quais convive, suas histórias, medos, alegrias, tem de estar com elas! Ouvir, ver, observar, brincar junto, afagar, abraçar, prestar atenção... é possível conhecer as crianças estando com elas, sendo parceiro(a), companheiro(a) e disponibilizando o olhar e escuta sensíveis para vê-las e ouvi-las.

Conversar com a criança sobre o que ela fez, prestar atenção, dialogar, perguntar sobre o que ela registrou, incentivar a conversa na roda entre os(as) colegas sobre as produções do grupo, não para julgá-las, mas para que todos opinem e percebam o percurso criador de cada um, deixar que a própria criança comente suas produções e tire conclusões sobre elas são formas de favorecer que as crianças sejam produtoras e consumidoras críticas da cultura do meio social no qual estão inseridas, respeitando e tendo sua diversidade expressiva respeitada e a sua autoria resguardada.

PARA RELEMBRAR

- O conceito que temos de Arte muda ao longo da história da humanidade. Neste texto, abordamos a Arte como uma linguagem expressa de diferentes formas – artes visuais, dança, música e teatro –, que exige a inteireza do homem. Para compreendê-la de maneira singular, entramos num movimento de estranhamento diante da obra, tentando mergulhar naquilo que estamos vendo ou ouvindo a partir de nossos acervos de imagens, palavras, movimentos, sensações ou sons diferentes. Ao dialogarmos com a Arte, nos percebemos cidadãos do mundo, do cosmos, ligados e responsáveis por essa relação homem-cultura-natureza.
- É fundamental que possamos ampliar os repertórios musicais, corporais, teatrais e visuais de professores(as) e crianças, por serem estes conhecimentos no âmbito artístico-cultural (denominados também conhecimentos estéticos e poéticos), construídos através de experiências estéticas, a estrutura da formação cultural de todos, sendo, assim, um direito adquirido. O acesso aos bens culturais também deve ser organizado de forma a possibilitar o exercício da autonomia na trajetória de apropriação artístico-cultural, tanto de professores(as) quanto de crianças, facultando que interpretem as obras, primeiramente, de maneira pessoal e singular. Ampliar a quantidade e qualificar as imagens, sons, sentimentos, cores etc. que temos arquivados em nossas memórias é, também, fundamental, pois estas são o material bruto de criação – é sua combinação e associação inesperadas que caracterizam o processo criador, base da vida do ser humano.
- O que interessa nas expressões visuais – desenhos, pinturas, colagens, esculturas, cinema, fotografia, construções, gravuras etc. – criadas por crianças pequenas é aquilo que elas têm de singular, de único, de marca pessoal daquela criança – de diferente! Suas produções são narrativas visuais que contêm uma história e uma dinâmica próprias ali retratadas, fruto de suas memórias, sensações e vivências, em diálogo permanente com sua imaginação. Expressões visuais são transbordamentos, jogo expressivo de meninos e meninas e, por isso, devemos estar atentos às condições por nós oferecidas para que produzam seus desenhos, pinturas etc., ressaltando sua autoria, despregados de modelos e julgamentos externos, respeitando seus resultados como expressões singulares e únicas.

- O papel da Arte nas instituições educacionais se situa no tempo e no espaço. A tensão se faz permanente por ser a Arte alicerçada na autoria e, conseqüentemente, na quebra de modelos (transgressão). O que se defende hoje é que as instituições educativas possam ser espaços de participação, respeito, troca, socialização e aprendizagens diversas que contribuam para a formação de sujeitos inteiros, críticos, autores e autônomos. Espaços de múltiplas linguagens e expressões, espaços privilegiados de apropriação de diferentes códigos estéticos, de diferentes culturas, espaço de produção significativa e autoral, ampliando, assim, as diversas formas de relação homem-cultura-natureza.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Se a Arte está alicerçada, basicamente, nos processos de apropriação e produção, e vemos que o(a) professor(a) é muito importante como agente que oferece e oportuniza espaços de apropriação e produção artístico-cultural para as crianças, é importante que este(a) profissional tenha oportunidades de ver filmes, ler bons livros, ouvir músicas etc., ampliando significativamente seu acervo cultural. Não deixe de ter em mente que seu papel é o de ampliar, também, o repertório cultural das crianças com as quais trabalha!

Aproveite as discussões que trouxemos neste texto para planejar atividades de produção visual bem diversas para seu grupo: ofereça materiais diferentes – papéis, tecidos, pedras, argilas, papel de bala ou de embrulho, papelão, caixas etc. –, corte-os de formas inesperadas – em triângulo, retângulo, formas irregulares –, incentive o uso de instrumentos variados – carvão, palitos, estopa, esponja –, misture técnicas antes não pensadas – colagem, pintura, desenho – e, depois, traga estas produções para seu grupo do PROINFANTIL ver e trocar idéias sobre o que fizeram.



GLOSSÁRIO

Autonomia na trajetória de apropriação artístico-cultural: a possibilidade de exercitar um olhar e uma escuta pessoais diante da obra vista/ouvida, sem seguir modelos ou “formas corretas” e únicas de interpretação das mesmas. Poder tentar, buscar, experimentar, procurar caminhos, recuar, voltar, refazer. O processo de apropriação é o processo de construção de olhares, escutas e movimentos sensíveis que você experimentou e acumulou ao longo de sua vida. Seus olhares, escutas e movimentos se modificam, como você, ao longo de toda a sua vida. Quanto mais experiências estéticas, maior a apropriação artístico-cultural.

Autoria: possibilidade de perceber-se sujeito da linguagem, expressivo, com vez e voz; aquilo que há de singular, de único, de diferente na expressão; possibilidade de deixar marcas, de fazer “do seu jeito”, despregado de modelos.

Estranhamento: movimento de entrega, de deixar-se penetrar naquilo que se está vendo ou ouvindo; movimento que permite entender e estabelecer diálogo direto com a obra; aguçamento de sentimentos, sensações e associações de idéias deflagrados pela obra quando estamos diante dela; maneira de refletir sobre a vida a partir da Arte.

Experiência estética: é a possibilidade que temos de nos defrontarmos diretamente com os objetos de cultura – cinema, teatro, dança e artes visuais através do estranhamento e nos deleitarmos com eles, irmos fundo, entregues de corpo e alma, vivendo intensamente aquilo que estamos vendo/ouvindo de forma a deixarmos que a emoção, a memória, a atenção e a desatenção, a tensão e a distensão possam apossar-se de nós e fazermos com que a obra reverbere e se expanda como em ondas dentro de cada um, afetando-nos e permanecendo em nós, deixando-nos diferentes, marcados para sempre; rememoração de acervos guardados na memória para que sejam confrontados com as novas imagens, sons, sensações, palavras ou movimentos que chegam, mobilizando todos os sentidos: tato, olfato, paladar, visão e audição.

Formação cultural: possibilidade de construção de conhecimentos no âmbito artístico-cultural, que podemos traduzir em conhecimentos estéticos e poéticos, ligados à Arte em suas expressões visuais, teatrais, musicais ou corporais, disponíveis hoje e construídos ao longo da história da humanidade. Deriva do que chamamos experiência estética.

Inteireza do homem: toda sorte de sentimentos positivos e negativos; sensação de ligação planetária, com o cosmos, com a natureza e com os outros homens; consciência de ser sujeito social, cultural e histórico.

Narrativa visual: uma história e uma dinâmica próprias retratadas nas expressões visuais das crianças enquanto produzem, por meio de canto, gesto, dança, deslocamento no espaço, risos, fala. Resulta da conjunção entre a história de vida única de cada criança, de suas experiências estéticas, de seus acervos de sons, imagens, movimentos, cores, palavras, sensações, em diálogo permanente com sua imaginação.

Processo criador: é um movimento fundamentalmente humano, fruto da reorganização de elementos já existentes em seu repertório, porém dispostos de maneira inaugural, nova. É essencialmente um processo de (re)criação.

Repertório: um conjunto de memórias, lembranças de experiências já vividas.

Transgressão: ousadia; quebra de padrões pré-estabelecidos.

SUGESTÕES PARA LEITURA

BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 3. ed. 1999.

BARBOSA, Ana Mae (org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.

OSTROWER, Faiga. Universos da Arte. Rio de Janeiro: Campus, 1983.

_____. Criatividade e processos de criação. Petrópolis: Vozes, 1986.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. MEC/DPE/COEDI, 1999.

GALEANO, Eduardo. O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 1997.

HADDAD, D. A., MORBIN, D. G. A arte de fazer Arte. São Paulo: Saraiva, 2004. p. 16.

NERUDA, Pablo. Quem morre? disponível no site: www.fabiorocha.com.br/neruda.htm

NEWBERY, E. Como e por que se faz Arte. São Paulo: Ática, p. 6.

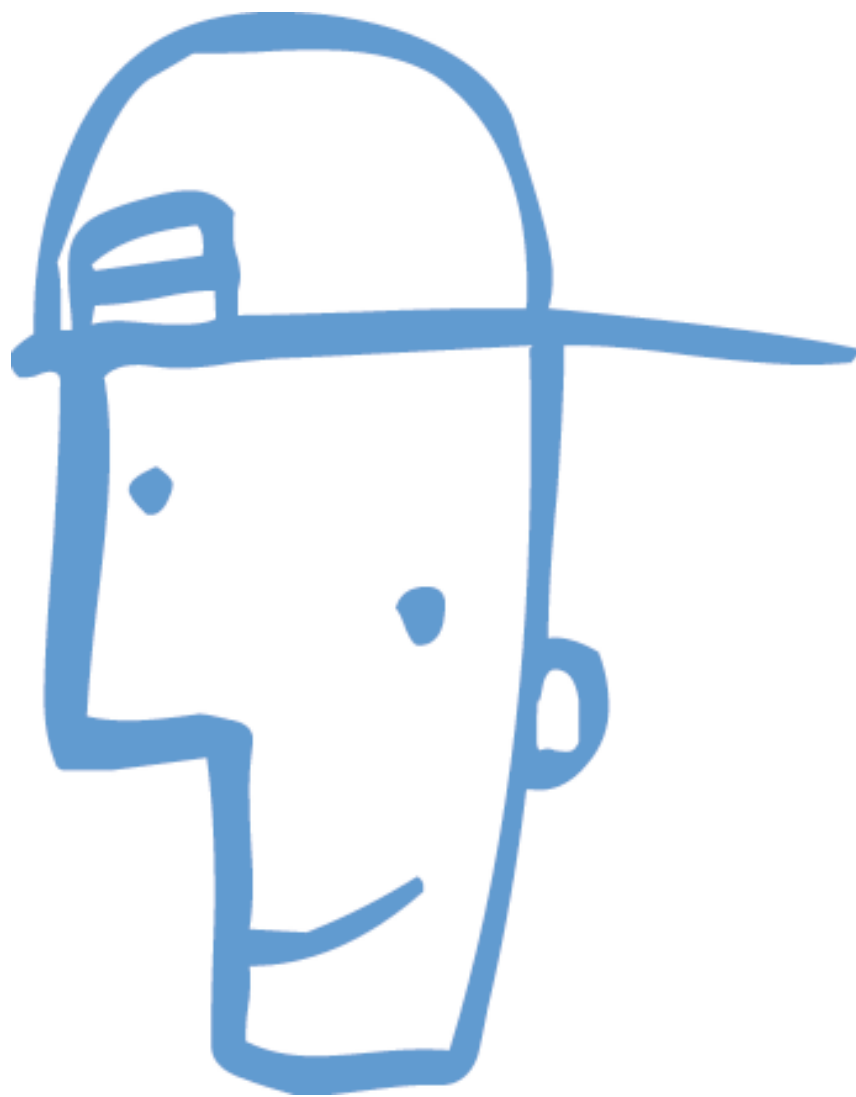
PASOLINI, Pier Paolo. Jovens infelizes – antologia de ensaios corsários. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

PESSOA, Fernando. O que nós vemos. disponível em: www.fpessoa.com.br

PIAGET, J., INHELDER, B. A psicologia da criança. DIFEL, 1976.

QUINTANA, Mario. disponível no site <http://marioquintana.blogspot.com/>

VYGOSTSKY, Lev.Semynovich. La imaginación y el arte en la infancia. México: Hyspánicas, 1987.





ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO O TRABALHO COM ARTES VISUAIS

História da arte

– Olha papai! Bois!

Marcelino Sautuola inclinou a cabeça para trás. E, à luz da lanterna, viu. Não eram bois. No teto da caverna, mãos mestras haviam pintado bisões, cervos, cavalos e javalis.

Pouco depois, Sautuola publicou um folheto sobre essas pinturas que havia encontrado, pela mão de sua filha, na gruta de Altamira. Eram, segundo ele, pré-históricas.

Acudiram espeleólogos, arqueólogos, paleontólogos, antropólogos dos quatro cantos do mundo: ninguém acreditou nele. Falou-se que o autor das pinturas era um artista francês, amigo de Sautuola, ou algum outro engraçadinho da vanguarda estética européia.

Depois, ficou-se sabendo. Aqueles remotos caçadores do paleolítico não apenas tinham perseguido os animais. Por esconjuro contra a fome e contra o medo, ou pelo mais puro e simples porque sim, também tinham perseguido a beleza que fugia.

Eduardo Galeano¹



¹ GALEANO, E. Bocas do tempo. Porto Alegre: L&PM, 2004.

ABRINDO NOSSO DIÁLOGO

No texto de [Fundamentos da Educação](#) desta unidade, abordamos alguns conceitos sobre a Arte em suas expressões musical, teatral, plástica e corporal, chamando a atenção para a importância de oferecer às crianças e professores(as) oportunidades de autonomia em suas experiências de apropriação cultural e a relevância da autoria em suas produções criadoras. Para isso, é necessário que cuidemos da formação cultural de todos. Lembramos que, na Unidade 4 deste módulo, você também encontrou muitas análises e sugestões sobre teatro.

Nosso desafio neste texto de [Organização do Trabalho Pedagógico – Trabalho com Artes Visuais](#) – é pensar em como traduzir esses pressupostos teóricos do trabalho com Artes para o dia-a-dia das creches, pré-escolas e escolas que possuem turmas de Educação Infantil.

Como o(a) professor(a) pode promover situações nas quais as crianças tenham a possibilidade de apreciar diferentes manifestações artísticas? Que tipos de atividade podem ajudar a promover a cultura local nas creches, pré-escolas e escolas que possuem turmas de Educação Infantil? Como o(a) professor(a) pode mediar o contato das crianças com diferentes materiais e técnicas de trabalho? Que atividades podem contribuir para o desenvolvimento do senso estético por crianças e professores(as)? Essas e outras questões certamente estão presentes no cotidiano dos(as) professores(as) que trabalham nas creches, pré-escolas e escolas que possuem turmas de Educação Infantil.

Vamos discutir um pouco o papel do desenho, pintura ou colagem como possibilidades de expressão bidimensional e compreensão do mundo pela criança e centrar nossa atenção no fazer artístico, na experiência da criança e do(a) professor(a), pensando em como o espaço e os materiais podem favorecer, ou dificultar, o processo criador e de apropriação cultural.

DEFININDO NOSSO PONTO DE CHEGADA

Objetivos específicos deste texto:

1. Valorizar as marcas produzidas pela criança no espaço bidimensional e compreendê-las como expressões e ressignificações do mundo.

2. Identificar a importância de favorecer situações adequadas à experimentação e ao conhecimento de cores, formas e texturas, em ambiente lúdico e na interação da criança com a natureza e a cultura.
3. Conhecer as possibilidades de organização de espaços e materiais favoráveis a situações de experimentação e expressão de meninos e meninas.
4. Compreender a importância de proporcionar experiências estéticas propícias ao desenvolvimento da sensibilidade e do gosto por diferentes expressões artístico-culturais, sem hierarquia de valores.

CONSTRUINDO NOSSA APRENDIZAGEM

Mais importante do que “ensinar” Arte e suas muitas técnicas nas creches, pré-escolas e escolas é pensar as formas de organização do espaço, as propostas, as oportunidades de apropriação e ampliação de repertório oferecidas às crianças, assim como as condições de produção existentes nas instituições. Vale lembrar que os momentos nos quais as crianças podem refletir sobre suas produções e, assim desenvolver seu pensamento crítico acerca delas mesmas e do mundo são importantes. Nosso papel, como professores(as), é dar suporte às experiências estéticas significativas, de forma a incentivar autonomia de pensamento, sem subestimar as crianças, oferecendo oportunidades para ampliação de acervo e estimulando a expressão de respostas pessoais, apreciando e respeitando suas produções.

O texto de [Organização do Trabalho Pedagógico](#) desta Unidade 5 é dividido em quatro seções: a Seção 1 discute as expressões bidimensionais como forma de compreender e repensar o mundo; a Seção 2 traz à tona mais especificamente a importância das experimentações na construção do conhecimento sensível; a Seção 3 salienta aspectos ligados ao espaço e seus materiais; e a Seção 4 procura ampliar a discussão sobre gosto e repertório, tanto do ponto de vista da criança, quanto do(a) professor(a).

Seção 1 – Desenhos: marcas e expressões das crianças

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:
- VALORIZAR AS MARCAS PRODUZIDAS PELA CRIANÇA NO ESPAÇO BIDIMENSIONAL E COMPREENDÊ-LAS COMO EXPRESSÕES E RESSIGNIFICAÇÕES DO MUNDO.



“Pinturas rupestres”, Parque Nacional da Serra da Capivara (PI)

Você já viu marcas de pegadas na areia ou na terra? Pois bem, os desenhos e demais expressões bidimensionais das crianças são, assim como as pegadas, marcas da individualidade dessas crianças, expressões pessoais registradas num suporte. O ser humano, desde tempo imemoriais, tem essa necessidade de deixar suas marcas, contando suas histórias.

Desenhos, pinturas, colagens, fotografias e diferentes formas de gravuras são expressões bidimensionais, são linguagens que a criança tem para se expressar. Quanto mais oportunidades e liberdade ela tiver para desenhar, colar ou pintar, mais vai expressar-se de maneira pessoal, mais deixará suas próprias marcas. Enquanto se expressa bidimensionalmente, a criança está exprimindo uma história; história que mistura elementos de sua vida pessoal, e outras que ela conhece ou ouviu falar, com elementos de sua imaginação. Essas produções não são o “retrato” da vida da criança, mas um diálogo entre a realidade e a fantasia expresso no desenho, na pintura ou colagem.



Por ser uma história, a expressão bidimensional é chamada narrativa visual. No texto de [Fundamentos da Educação](#) deste mesmo módulo, já tivemos a oportunidade de discutir o que são as narrativas visuais. Você pode, inclusive, reler aquele texto para recordar este conceito.

Para narrar visualmente uma história, a criança fala, ri, gesticula, dança, desloca-se, contrai-se etc. Portanto, quando pára de colar, desenhar ou pintar, é como se ela congelasse a história ali presente. Nesse processo criador, o que interessa mais fortemente é o percurso, o processo da criança na realização da atividade. Uma das formas de a criança perceber que damos importância à sua expressão é conversarmos com ela acerca da história que ela narra em sua produção. Mas isso não é o mesmo que perguntar “o que você desenhou aqui”. Primeiro, porque não se trata de valorizarmos os *elementos isolados* ali presentes – casa, sol, árvore, pai, carro, mãe, cachorro – mas o *todo* ali presentificado em traços e cores, isto é, a história *narrada visualmente*. Em segundo lugar, vale ressaltar que a Arte expressa em diferentes linguagens aquilo que, muitas vezes, as palavras não dão conta de dizer. Assim, nem sempre será possível a criança verbalizar o que desenhou. Nesse sentido, não podemos afirmar que através do desenho a criança “quis dizer” alguma coisa – ela simplesmente desenhou.

Da mesma forma que faz ao brincar, cada vez que se expressa bidimensionalmente, a criança está reorganizando o mundo em que vive. Revive situações, muda percursos, age de forma diferente, reinterpreta histórias. Por isso é tão importante desenhar, colar ou pintar, da mesma maneira que é importante brincar.

As produções das crianças serão tão mais expressivas e autorais quanto mais variados os tamanhos, as formas e os tipos de suporte (papéis, papelão, o próprio corpo, jornal, folhas, areia, madeira, tecidos etc.) que lhe forem oferecidos, assim como os diferentes instrumentos a serem usados (lápis, carvão, toco de madeira, hidrocor, giz, tintas, caneta, pincéis, goma de farinha de trigo, esponjas etc.). É importante que a criança perceba que seu trabalho é respeitado e valorizado.

Mas como o(a) professor(a) pode proceder de modo a favorecer e valorizar a expressão das crianças?

- dispondo de suportes diversos;
- disponibilizando materiais variados, colocados ao alcance das crianças;

- tendo instrumentos em quantidade e qualidade suficientes que viabilizem as expressões bidimensionais;
- conversando com as crianças sobre as histórias presentes em suas produções;
- não escrevendo os nomes das coisas desenhadas em seus trabalhos, pois quando fazemos isso transformamos as histórias ali contidas, reduzindo-as a elementos isolados e, ainda, interferindo numa produção que não nos pertence, mas sim, à criança que a fez;
- escrevendo, em algum outro suporte separado, as histórias que elas nos contam;
- fixando as produções das crianças pelas portas, janelas e paredes das creches, pré-escolas e escolas, mostrando a todos o quanto as achamos interessantes e importantes. É importante lembrar que as crianças são pequeninas, seus trabalhos devem estar à altura de seus próprios olhos;
- deixando as crianças livres para desenharem, colarem ou pintarem o que quiserem e quando quiserem, expressando-se como gostam, querem ou escolhem.

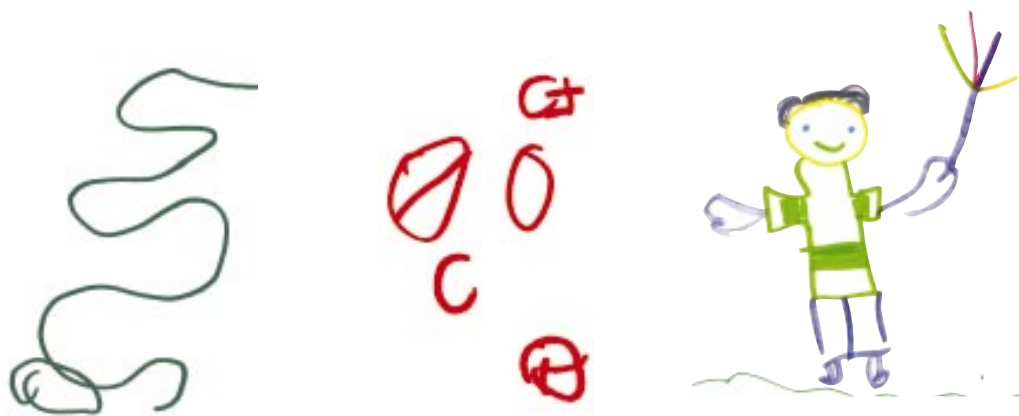
O desenho, a pintura e a colagem das crianças são marcas que elas deixam a partir de sua relação com o mundo, em diálogo permanente com seu imaginário. São marcas pessoais. Portanto, é muito importante percebermos que cada criança tem um jeito próprio de se expressar: traços com mais vigor ou mais leves, ocupando o espaço todo ou apenas um cantinho, usando muitas cores ou escolhendo apenas uma etc. Nós, professores(as), que lidamos dia-a-dia com meninos e meninas e suas produções culturais, seremos capazes de reconhecer a produção de cada criança mesmo que esta não tenha nome escrito se possibilitarmos que os pequenos se expressem com autoria.



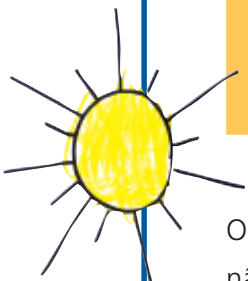
ATIVIDADE 1



Se você separar os trabalhos de pintura, desenho ou colagem que tem feito junto com seu grupo, poderá observar estas produções e perceber se estão mais voltadas para a criação ou para a reprodução e a cópia. Discutindo a partir dessa sua experiência concreta com seus(suas) colegas de trabalho, procure pensar de que forma você poderia favorecer mais ainda a autoria de suas crianças. Escreva, em seu caderno, suas reflexões e as compartilhe com seu grupo do PROINFANTIL.




É possível que a maioria das crianças com as quais você trabalha sigam um percurso bem semelhante na evolução de seus desenhos: comecem rabiscando indiscriminadamente; depois controlem mais os rabiscos e esbocem espirais; adiante façam bolinhas (chamamos de *células*); a seguir, estiquem braços e pernas, formando figuras humanas (chamamos de *badamecos*). Aos poucos, começam a estabelecer uma nova organização no espaço do suporte (comumente fazem uma linha divisória entre o céu e a terra ou o mar); e assim por diante, colocando, progressivamente, mais detalhes em seus desenhos. Entretanto, também é possível que algumas crianças não sigam esse caminho. O(a) professor(a) não deve se preocupar com esses padrões, nem tampouco associar diretamente o tipo de desenho com o nível de desenvolvimento global da criança. É possível encontrar crianças com dificuldades de aprendizagem e compreensão, ou dificuldades emocionais, desenhando de forma bastante expressiva, assim como podemos ter crianças que se destaquem em sua facilidade de responder e resolver problemas e que se expressem mais livremente em outras linguagens que não a do desenho, tais como a música, a dança ou o teatro. Portanto, não há uma relação direta entre o tipo de desenho e a possibilidade de aprendizagem da criança.



É sempre bom lembrar que o desenho, a pintura e a colagem da criança se tornam mais elaborados e trabalhados quanto mais oportunidades ela tiver para desenhar, colar ou pintar – aprende-se a fazer, fazendo! –, tendo sempre sua produção valorizada e sua autoria assegurada.

Os trabalhos que exigem da criança apenas a cópia, redução, ampliação ou colorido não podem ser considerados linguagens expressivas, pois são apenas exercícios motores. Conseqüentemente, quando o objetivo do trabalho é que a criança se expresse com liberdade com relação ao mundo, não há razão para propormos este tipo de atividade aos pequeninos, mas sim, sugerir variedades e deixar que façam escolhas: desenhos daquilo que estão vendo, do que sonharam, pinturas-surpresa de olhos fechados, colagens coletivas de materiais diversos. É interessante, ainda, explorar a transparência (com vidros, plásticos, embalagens plásticas, água) e a opacidade, a luz, a sombra e as diferentes cores (tingindo coisas, usando papel celofane de diferentes cores). É importante, ainda, se lembrar de usar suportes variados para desenhos e pinturas: bem pequenos (como caixinhas de fósforo) ou bem grandes (como muros) e propor desafios individuais e coletivos, trabalhando tanto na vertical (em pé, nos muros, paredes, árvores etc.) como na horizontal (na mesa, no chão etc.)

ATIVIDADE 2



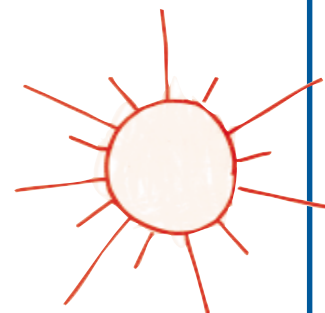
Que tal você pensar numa atividade envolvendo o trabalho com Artes num suporte que você ainda não tenha experimentado com seu grupo? Seria interessante desenvolver essa atividade com as crianças e anotar em seu caderno os resultados que obteve para discuti-los com seu grupo do PROINFANTIL. Essa discussão, inclusive, pode proporcionar um troca-troca de idéias entre vocês e, assim, cada um vai ter mais e mais formas diferentes de trabalhar as expressões bidimensionais com as crianças.



Seção 2 – Cores, formas e texturas

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:

- IDENTIFICAR A IMPORTÂNCIA DE FAVORECER SITUAÇÕES ADEQUADAS À EXPERIMENTAÇÃO E AO CONHECIMENTO DE CORES, FORMAS E TEXTURAS, EM AMBIENTE LÚDICO E NA INTERAÇÃO DA CRIANÇA COM A NATUREZA E A CULTURA.



Em algum lugar do tempo, mais além do tempo, o mundo era cor de cinza. Graças aos índios ishir, que roubaram as cores dos deuses, agora o mundo resplandece; e as cores do mundo ardem nos olhos que as olham. (...)

GALEANO, E. Bocas do tempo. Porto Alegre: L&PM, 2004. p. 153.

Você já ouviu falar de alquimia? Alquimia é uma forma de transformar uma coisa numa outra, como uma espécie de mágica. Imagine que suas crianças sejam “mágicos curiosos”. Eles adoram tudo que se transforma – misturar cores, água com terra, fazer comida etc. Imaginar o processo da experiência com cores, formas e texturas com os pequeninos como um processo de alquimia pode ser bem legal!



O mundo é multicolorido, e quanto mais observarmos isso, mais detalhes perceberemos. Os esquimós, por exemplo, que moram lá no gelo, todo branco, são capazes de distinguir diversos tons de branco que nós não enxergaríamos. Assim como crianças que moram em locais mais florestais e arborizados diferenciam tons de verde; crianças da área rural podem reconhecer pássaros pelos detalhes de suas cores, por exemplo; crianças que vivem junto ao mar podem saber, por exemplo, a partir da observação de suas cores, se o tempo vai mudar ou não e assim por diante. Incentivar que crianças fiquem mais atentas para as cores do mundo – tanto da natureza, quanto dos **bens culturais** – é um grande estímulo para que elas aprendam sobre o ambiente onde vivem e uma oportunidade de sensibilizar seu olhar e ampliar seu repertório.

Assim, chamar a atenção para as diferentes cores do céu – quando chove, ao entardecer, no outono, diante de um arco-íris ou num dia simplesmente repleto de nuvens – pode ser uma proposta divertida. Perguntar sobre os nomes das cores, sobre os lugares onde podemos encontrá-las, experimentar misturas de cores que produzem outras cores, tudo isso faz com que a criança aprenda sobre o mundo em que vive de forma prazerosa, divertida.

O processo de mistura de cores é basicamente alquímico – só tentando livremente a criança poderá viver a experiência de recriar as cores do mundo. Mais ou menos como cozinhar: não adianta apenas a receita – há sempre algo a mais que apenas a experiência nos proporciona.



ATIVIDADE 3

Misture duas a duas as cores primárias (azul, vermelho e amarelo) e faça suas descobertas. Que cor você achou misturando azul com amarelo? E o amarelo com o vermelho? E o vermelho com o azul? Escreva em seu caderno as descobertas que você fez.

As cores que surgem da combinação de cores primárias são as chamadas cores secundárias. Algumas práticas de Educação Infantil baseiam-se na idéia de que as crianças pequenas deveriam aprender uma cor de cada vez – primeiro as cores primárias, depois as secundárias etc. Entretanto, se o mundo é tão colorido, não há por que apresentarmos para as crianças uma cor de cada vez, pois não cabe aos(as) professores(as) reduzir a vida existente no mundo e, sim, ampliá-la.

Quando temos uma mesma cor com um aspecto mais claro ou mais escuro, nós as chamamos tons. Nas experiências com misturas de cores, o(a) professor(a) pode incentivar as crianças a misturarem o branco ou o preto para clarear ou escurecer as cores que criam ou a criarem outros tons usando mais cores primárias, por exemplo: escureço o verde colocando mais azul ou clareio com o amarelo.



ATIVIDADE 4

Agora pegue as cores secundárias que você criou na atividade anterior e faça mais descobertas: procure criar diferentes tons e anote embaixo o que você usou.

Outra forma muito interessante de produzir cores e tons diversos é fazendo suas próprias tintas e criando pigmentos. Na natureza há frutas, legumes, plantas e flores que desprendem sucos coloridos. Você pode levar as crianças a observarem e utilizarem esses sucos em atividades como: ferver beterraba, espinafre, cenoura ou outro legume ou verdura que desprenda um suco colorido. Em cada região do país certamente existem vegetais diferentes, que poderão ser usados numa atividade deste tipo. Cada professor(a) terá acesso a materiais diferentes para suas experiências de cores, dependendo da região onde trabalha. Essa pesquisa de cores pode ser feita, também, com terras de variados tons, areias diversas etc. A natureza é generosa em seus encantos multicoloridos. Uma vez feitas as cores, aproveite para usá-las, com as crianças, na pintura dos diferentes suportes e para tingir tecidos e/ou objetos.

ATIVIDADE 5

Pesquise, com as crianças, as cores que podem ser obtidas com materiais que existem na comunidade onde você trabalha. Em seguida, faça uma lista dos materiais e das cores que podem ser obtidas com eles. O exemplo do quadro abaixo pode ajudá-lo(a). Depois de fazer suas anotações, seria interessante compartilhar com seus(suas) colegas do PROINFANTIL o processo de pesquisa de cores que você fez com as crianças. Mais uma vez, a troca entre vocês, nos encontros de formação, servirá como base de idéias interessantes para você criar novas experiências com as crianças com as quais trabalha.



Tipo de material	Cor(es) que produz

Além da quantidade de cores e tons oferecidos pela própria natureza, temos as cores e tons dos objetos de cultura – aqueles que foram construídos pelos homens e pelas mulheres: casas, barcos, objetos variados etc. Cada comunidade, cada cidade tem, também, cores predominantes, que dependem de vários fatores: o clima, a vegetação, tipo de solo, se as ruas são ou não asfaltadas etc. Observar atentamente o lugar em que se mora é, também, fundamental para ampliar o horizonte e o imaginário das crianças. Assim, vale observar que cores há nas paredes, nos animais que circulam, nos objetos, nos meios de transporte disponíveis, nos utensílios usados.

É importante lembrar que cada cultura tem seus próprios códigos, formas de ser, agir, interpretar e expressar o mundo. Assim, cada cultura terá diferentes padrões de moradia, de transporte, de vestimenta, por exemplo.



China



Índia



Itália



França



Rússia



Inglaterra

ATIVIDADE 6

Faça um passeio com as crianças e observe o tipo de moradia que existe nos arredores da creche, pré-escola ou escola onde você trabalha. Ao voltarem para a instituição, ofereça a elas papéis e lápis coloridos para que todos possam registrar aquilo que viram durante o passeio. Depois, discuta as diferenças encontradas. É bom que desde pequenos, elas possam sensibilizar o olhar para as diferenças do mundo em que se inserem.

Além da observação da natureza e do cotidiano, é importante que as crianças e os(as) professores(as) possam ter acesso a objetos artísticos – pinturas, desenhos, esculturas etc. Ao observar suas cores e tons, pode-se relacioná-los com tudo aquilo que se está olhando no entorno. Melhor ainda é poder ver, nos quadros, cores diferentes para aquelas coisas que já conhecemos, como cavalos azuis ou vacas amarelas.



Tarsila do Amaral , "O mamoeiro" – 1925

ATIVIDADE 7

Aprecie a obra "Verão", de Giuseppe Arcimboldo, que apresentamos a seguir. Escreva em seu caderno qual a sua opinião sobre ela. Gostou? Não gostou? Por quê? Quando houver possibilidade, leve esta gravura e mostre-a às crianças com as quais você trabalha. Peça que elas dêem sua opinião sobre a obra. Anote essas opiniões numa folha. Você pode, posteriormente, escrever essas opiniões com letras grandes numa folha de papel pardo e deixá-las expostas na sala de atividades onde você trabalha com as crianças. Pode, ainda, sugerir que as crianças façam uma releitura dessa obra, ou seja, pedir que cada criança desenhe a obra do jeito que quiser. Finalmente, compare sua opinião com as opiniões das crianças e, no próximo encontro quinzenal do PROINFANTIL, discuta com seu grupo as diferentes perspectivas que você e as crianças tiveram ao apreciar a obra.

A natureza é nossa grande aliada, também, na exploração das formas. Veja como o pintor explorou as formas das frutas, dos legumes, das verduras e dos grãos no quadro que apresentamos ao lado.

Se fôssemos brincar só com folhas de plantas, por exemplo, de quantas formas existentes poderíamos lançar mão! Existem folhas pequenas, grandes, largas, estreitas, compridas, curtas, irregulares etc. Essa diversidade pode ser utilizada pelo(a) professor(a) na produção de inúmeros trabalhos interessantes, como, por exemplo, a construção de um álbum de folhas.

Tudo o que dissemos com relação às possibilidades de exploração com as cores se aplica às formas, inclusive sobre o modo como podemos proporcionar às crianças experiências de identificação, diferenciação e manipulação de diversas formas geométricas. Assim como no que se refere às cores, também com respeito às formas existe uma idéia, por parte de alguns(algumas) professores(as), de achar que a maneira correta de apresentá-las às crianças seria uma por vez, provavelmente para que as crianças não confundam seus nomes. Entretanto, se pensarmos que a criança se depara com as formas que se encontram no mundo todas juntas, misturadas, e que essas formas são inúmeras, essa idéia não se justifica. É importante lembrar que o mais importante não é se a criança está usando quadrados, círculos, triângulos ou retângulos em seus trabalhos. Menos ainda se sabem seus nomes corretamente. Interessa-nos, sim, que, em suas variadas formas de expressão (desenhos, pinturas, colagens), possam explorar diferentes formas combinadas entre si, de maneira própria, autoral.



Giuseppe Arcimboldo, "Verão" – 1527-1593

Deixemos que nossas crianças observem diferentes formas, cores e texturas na natureza, na vida e nas obras de arte, pois assim estarão ampliando seu acervo de sensações e de imagens e terão mais elementos a combinar quando estiverem fazendo suas criações.

Além das cores e formas, também as texturas podem ser uma fonte de exploração e experimentação pelas crianças. A natureza, grandiosa, nos oferece uma grande variedade de texturas: desde o pelo fofinho de coelhos ou gatos aos espinhos de uma paineira (árvore que dá paina) ou de um porco-espinho; as cascas rugosas de algumas árvores e os caules lisos de outras; a aspereza das pedras do litoral e da montanha e a sensação lisa e escorregadia dos seixos de rio ou daquelas pedras cobertas de limo. As possibilidades são infindáveis.

Você já brincou de capturar as marcas da natureza com suas crianças? Colocando uma folha de papel em cima da superfície que você deseja registrar, passe o lápis deitado no papel e pronto. Aquele crespinho da árvore, por exemplo, estará no seu papel. Podemos propor, até mesmo, uma “coleção” de texturas. Podemos, também, criar outras, fazendo colagens, trançando e tramando fios, folhas etc. As diferentes formas de colagens são possibilidades privilegiadas de exploração das texturas.

A argila é também muito valiosa para se registrar texturas nela. Ela própria tem uma textura interessante e recebe de bom grado as marcas ali deixadas por nós. Observe como na obra retratada no quadro ao lado a artista plástica brinca com a textura. O casaco, que parece ser feito de couro, na verdade é feito de argila! Não é interessante?



NEWBERY, E. Os segredos da arte.
São Paulo: Editora Ática, p. 17.

Embora pareça simplesmente uma peça de vestuário, o quadro acima mostra uma obra de arte: uma escultura. Nela, a artista plástica Marilyn Levine reproduz uma jaqueta de couro pendurada num cabide. Isso não seria nada extraordinário se a jaqueta não fosse feita, na verdade, de argila.

Fazer uma massa de pintura a dedo (uma goma de farinha de trigo e água, mexendo no fogo para dar o ponto) e, depois de fria, brincar de espalhar por diferentes suportes (inclusive o próprio corpo) é uma experiência sensorial muito rica para todos! O tato é um sentido que nos dá não apenas a possibilidade de experimentar e identificar a textura, mas também a temperatura: quente, frio, morno. A mesma forma de exploração pode ser extrapolada para as obras de arte – suas cores, texturas e formas particulares.

Além das cores, formas, texturas, também os sabores podem oferecer experiências interessantes com as crianças. A culinária é a arte de transformar elementos isolados num todo diferenciado. Quando nos propomos a fazer uma atividade de culinária com as crianças, além de podermos provar cada um dos ingredientes que usaremos na receita (certifique-se apenas se há crianças com alergia a algum deles na turma), poder misturá-los mostra-nos cores e texturas se transformando. Quando cozido, por exemplo, muda ainda sua forma, sua temperatura e, além disso, exala diferentes odores. Cozinhar com as crianças é uma oportunidade ímpar de explorar os sentidos, começando pela visão e terminando pelo paladar.

ATIVIDADE 8

Seria interessante se você, com a colaboração das crianças, escolhesse uma receita para fazerem na creche, pré-escola ou escola. É interessante pensar numa receita que possa ser feita com a participação ativa das crianças. Você pode começar pelo planejamento da atividade: que ingredientes serão necessários? Qual a quantidade de cada um deles? Como serão obtidos esses ingredientes?

Na preparação da receita, vocês podem começar experimentando os ingredientes separadamente. Misturá-los pode ser também uma experiência sensorial, onde o sentido do tato será utilizado. Finalmente, ao consumirem o alimento já pronto, vocês poderão comparar seu sabor final com os sabores dos ingredientes isolados.

Após realizar essa atividade, registre em seu caderno seus comentários sobre ela e troque suas impressões com os(as) colegas do PROINFANTIL.



O livro que sugerimos a seguir traz reflexões interessantes sobre o trabalho com pintura.

RICHTER, Sandra. Criança e pintura – ação e paixão do conhecer. Porto Alegre: Mediação, 2004.

Além de passear pelas teorias que já discutimos no texto de Fundamentos da Educação, Sandra traz questões relativas à prática, de forma intensa e questionadora.

Seção 3 – Cantos, oficinas, ateliês e materiais: organizando o trabalho com artes visuais

**OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:
- CONHECER AS POSSIBILIDADES DE
ORGANIZAÇÃO DE ESPAÇOS E MATERIAIS
FAVORÁVEIS A SITUAÇÕES DE EXPERIMENTAÇÃO
E EXPRESSÃO DAS CRIANÇAS.**

Além de boas idéias e a disponibilidade para experimentação, sabemos que, para o desenvolvimento de experiências estéticas e o conseqüente avanço nos projetos de artes visuais nas creches, pré-escolas e escolas que possuem turmas de Educação Infantil, devemos cuidar também da organização dos espaços e da seleção e organização dos materiais. Considerando que os contextos em que os(as) professores(as) atuam possuem suas particularidades e peculiaridades e que as propostas pedagógicas das instituições são também diferenciadas, as sugestões apresentadas até aqui não se constituem em receitas a serem seguidas passo a passo. Não há um jeito certo ou único de organizar seu espaço ou dispor de seus materiais. Este texto se propõe a sugerir encaminhamentos gerais, pois você, com sua experiência, criatividade e autonomia, saberá qual o melhor caminho tomar para a organização do espaço em que trabalha com as crianças.

A forma como você e as crianças vão se organizar vai depender, antes de tudo, de sua realidade. Mas há coisas fundamentais a serem observadas e que certamente você já leu no texto de [Fundamentos da Educação](#): o espaço deve ser aconchegante, prazeroso e desafiador. Ele deve instigar a curiosidade e o desejo

de produzir das crianças. Deve propiciar relações em grandes e pequenos grupos. Ser colorido e convidativo às expressões pessoais. Para que o espaço possa ter essas características, a primeira coisa é convidar as crianças a participarem da organização. Além disso, você pode buscar, na comunidade, recursos para melhor estruturar o espaço. Sucatas, móveis, roupas, pedaços de madeiras etc. podem ser reaproveitados e utilizados na organização do ambiente: caixas de papelão viram armário, local para guardar material, casa de bonecas ou elementos para teatro; caixotes de feira ou de transporte de mercadoria em madeira podem transformar-se em mesas, bancos e estantes; garrafas plásticas são a base para bancos e mesas ou potes de armazenamento de materiais menores; as caixas de leite transformam-se em tijolos resistentes. A partir de sua realidade e da disponibilidade de sua comunidade, você pode montar uma espécie de “espaço de criação” (aqui chamamos de oficina ou ateliê) que abrigue e fomente as expressões artístico-culturais das crianças. Os pais e demais pessoas da comunidade podem ser parceiros na empreitada de construção e organização deste espaço.



Priscilla Silva Nogueira

A forma como você organiza seu espaço pode favorecer ou dificultar as manifestações artístico-culturais das crianças.

Uma vez que você já tenha uma sala para trabalhar com as crianças, dependendo do tamanho, uma das idéias interessantes é dividi-la em “cantinhos” – um canto para livros (alguns podem ser confeccionados pelas crianças); um canto com material de teatro (podem fazer fantasias com roupas usadas, criar enfeites com contas e cerâmicas, fantoches, bonecos etc.); um canto com som e instrumentos (que podem também ser confeccionados pelas crianças com paus, latas, sementes, arames etc.); um canto para os trabalhos em artes visuais que contenha uma parte para



atividades tridimensionais (com argila, pequenos objetos, sementes, pauzinhos etc. e sucatas para construção) e outra para atividades bidimensionais – o que abordamos mais especificamente neste texto –, com suportes variados (papel, papelão, tecido, madeira, plástico), instrumentos diversos (pincel, hidrocor, lápis coloridos, giz), além de tintas, colas e uma infinidade de coisas a serem coladas (pedaços de papel, tampas, chapinhas, pétalas, folhas, penas, pedras etc.). É importante lembrar que os materiais não devem oferecer perigo às crianças. Não podem ser tóxicos. Quando se tratar de crianças pequenas, não pode haver objetos muito pequenos como grãos ou tampinhas de refrigerante. Sucatas devem ser higienizadas com cuidado antes de serem usadas. É preciso verificar se os objetos, como latas de alumínio, recipientes plásticos ou pedaços de madeira, não apresentam pontas cortantes ou lascas que possam ferir as crianças etc.

ATIVIDADE 9

Seria interessante fazer com as crianças uma oficina de reaproveitamento de sucata. O primeiro passo seria recolher objetos de papelão, plástico e papel e disponibilizá-los para que as crianças criem outros objetos com eles.

Além do baixo custo desses materiais, o planeta agradece, pois hoje temos de ter consciência da necessidade de preservar nossos recursos naturais, de reaproveitar tudo o que pudermos e, por fim, de reciclar aquilo que for possível. Faça, então, um brinquedo para sua turma a partir de material reciclável ou reaproveitável e descreva, em seu caderno, como foi esse processo. Se puder, junte uma foto do processo de realização do trabalho ou faça um desenho para que o registro fique mais completo. Em seu grupo do PROINFANTIL, cada um dos(as) professores(as) levará uma coisa diferente e vocês aprenderão, assim, a construir uma série de brinquedos.

Voltando à questão da organização do espaço para melhor favorecer a expressão das crianças, se o espaço de que você dispõe for pequeno demais para dividir, procure se organizar para arrumar cuidadosamente seu material no espaço disponível. O mais importante é que todo o material deve ser limpo (não podemos jamais guardar sucatas com resto de produto de limpeza ou comida!), seguro (temos que retirar de circulação vidro, alumínio ou ferro pontiagudo, objetos que cortem, coisas enferrujadas etc.), organizado (não adianta ter tudo bagunçado,

misturado, amassado, pois na hora que for precisar você não vai conseguir encontrar o que procura) e, principalmente, os materiais devem estar ao alcance das crianças. Se elas ajudarem a organizar a sala, certamente saberão onde cada coisa está guardada e isso facilitará sua autonomia. A construção da autonomia pela criança é, sem dúvida, um dos principais objetivos da Educação Infantil, e todas as nossas ações devem colaborar com este objetivo. Além disso, a sala fica com a “cara” das crianças. Elas podem pintar ou forrar os potes ou caixas para guardar os materiais, forrar prateleiras “do seu jeito” usando revistas ou folhas etc. Quanto maior a participação dos meninos e meninas, mais interessantes os resultados e mais autoras e autônomas vão se tornando as crianças.

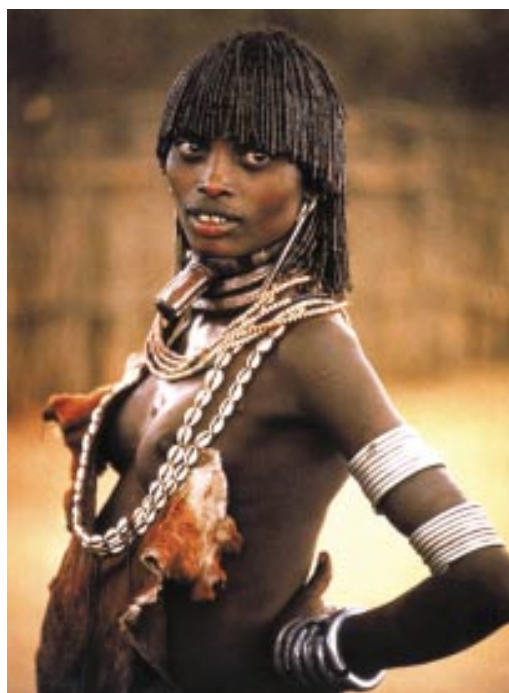
Se o espaço for fechado, tiver paredes, elas podem ser usadas para colocar trabalhos feitos pelas crianças. Evite fazer você mesmo(a) os murais, desenhos e enfeites. Cada vez que você coloca uma coisa feita por você ou por outro adulto (como personagens de histórias etc.) para as crianças apreciarem e enfeitar a parede, você está lhes passando a mensagem de que o que elas fazem não é tão bom, tão “bacana”, tão “legal”. É muito importante valorizarmos as pinturas, desenhos e colagens das crianças, sem promover competições entre elas para ver quem faz melhor. Cada um faz do seu jeito e todos devem ser valorizados à sua maneira.

Além dos trabalhos das crianças, é muito bom poder colocar fotografias variadas ou reproduções de obras de arte. No caso das obras de arte, apesar de serem feitas por adultos, elas têm o papel de ampliação de repertório imagético e cultural, e isso, como vimos no texto de [Fundamentos da Educação](#), é importante no processo de criação das crianças.

Seção 4 – Experiência estética: sensibilidade e gosto

OBJETIVO A SER ALCANÇADO NESTA SEÇÃO:
- COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DE PROPORCIONAR EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS PROPÍCIAS AO DESENVOLVIMENTO DA SENSIBILIDADE E DO GOSTO POR DIFERENTES EXPRESSÕES ARTÍSTICO-CULTURAIS, SEM HIERARQUIA DE VALORES.





Observando a imagem desta mulher, que vive na África Ocidental, na região do Saara, percebemos que o corpo também pode ser uma obra de arte e que o conceito de belo varia de cultura para cultura.

Na seção anterior, abordamos a organização do espaço e a disposição dos materiais. Vimos que a idéia é procurar e organizar sua sala de forma que ela seja um local agradável, que ofereça opções para as crianças criarem com diferentes materiais e que possa, ainda, valorizar estas produções pendurando-as pelas paredes, nas estantes etc. O que se sabe é que, em Arte, se aprende a fazer, fazendo, isto é, se aprende a desenhar, desenhando; se aprende a pintar, pintando; e assim por diante. Também já lemos no texto de [Fundamentos da Educação](#) desta unidade que, para desenhar ou pintar, partimos de nossos acervos. Por essa razão, temos de nos preocupar com as oportunidades de experiência estética que temos oferecido aos tantos meninos e meninas com os quais trabalhamos cotidianamente. Nosso papel como professores(as) é proporcionar desafios e incentivar, nas crianças, a curiosidade e o desejo pelas diferentes linguagens – dança, música, teatro e artes visuais –; tanto a curiosidade e o desejo de conhecê-las (chamamos isso de processo de apropriação) quanto de fazer uso das mesmas (que corresponde ao processo de produção ou processo criador). É sobre esses processos nas Artes Visuais que discutiremos a seguir.

Que oportunidades proporcionamos às nossas crianças para a **educação do olhar sensível**? Que experiências do olhar elas têm tido? Começemos pelo próprio corpo e a maneira de se arrumarem: pintam o corpo? Cobrem o corpo? Vestem-se de quê? Enfeitam-se?

Podemos ver imagens de vários povos que pintam seus corpos ou vestem-se de forma diferente e discutirmos com as crianças, apontando a riqueza de detalhes e a beleza das cores e formas de cada lugar. Depois de discutidas essas questões na turma, vale lembrar que, em cada canto deste país, pessoas têm culturas diferentes e, portanto, vestem-se e enfeitam-se de forma diversa.

Na perspectiva de partirmos sempre da realidade mais imediata, depois do próprio corpo podemos passar a uma conversa sobre as habitações. Assim como as vestimentas, também os tipos de moradia são múltiplos e plurais: cabanas, edifícios, ocas, casas... todas diferentes entre si e construídas com materiais de que cada comunidade dispõe. O olhar vai se tornando mais sensível quanto mais pudermos levar as crianças a conhecerem diferentes realidades – sempre partindo da delas próprias e ampliando para outras partes do Brasil e do mundo. Mais uma vez, a observação de obras de arte aqui pode ser riquíssima, pois as imagens mostram não só diferentes espaços e tempos, como extrapolam e transportam-nos ao mundo do imaginário, com imagens que não veremos na realidade. Vale lembrar que músicas, danças e expressões teatrais também ampliam nossa visão de mundo, sendo importantes para a educação do olhar sensível. Esses aspectos foram abordados na Unidade 4 deste módulo.

Não é possível gostar de algo que não conhecemos. Só podemos dizer que gostamos ou não gostamos de determinada comida se podemos prová-la. O mesmo acontece quando falamos de músicas, pintores, tipo de roupa, animais de estimação, locais diferentes. A responsabilidade dos(as) professores(as) é grande, pois são um dos principais sujeitos responsáveis por mostrar às crianças as diversas coisas que existem nesse mundo. Mas só podemos mostrar aquilo que conhecemos. Por isso, este texto é, ao mesmo tempo, um desafio e um convite para que você também, professor(a), possa sentir-se convidado(a) a ampliar seu olhar sensível para a vida e, então, desafiar as crianças a fazê-lo.

Quanto mais coisas conhecemos, mais ampliamos nosso repertório e mais chances temos de “mudar” de gosto, de ampliar nosso gosto musical, alimentar, estético,

isto é, passamos a gostar de outras coisas que não conhecíamos antes: atores de cinema e teatro novos, dançarinos e tipos de dança diferentes, pintores que não conhecíamos, esculturas que nunca tínhamos visto antes, músicas anteriormente desconhecidas e assim por diante. Quanto mais ousarmos conhecer coisas novas e ampliar sua nossa experiência estética, apropriando-nos das diferentes linguagens, maior será o acervo que poderemos levar para as crianças.



Jackson Pollock, "A chave"

O que é mais importante para o processo de apropriação estética é a regularidade e frequência da experiência. Não basta uma vez na vida; temos que sempre buscar conhecer, ver, ouvir, sentir, experimentar mais e mais de música, dança, teatro e artes visuais.

Uma idéia bem legal é criar espaços de apreciação, uma espécie de "museu" nas creches, pré-escolas e escolas. Guardar imagens de obras de arte, guardar objetos, fotografias. Você pode organizar um tipo de biblioteca se conseguir livros, pode ainda fazer um acervo para as músicas que conseguir. Se cada um contribuir com algo, todos podem trocar, todos podem ter aquela experiência significativa. Passa a fazer parte da rotina das crianças a convivência regular com objetos estéticos, com os bens culturais e, assim, a ampliação e o aprendizado do "gosto". Também é

importante, sempre que possível, promover visitas das crianças aos museus, teatros, cinemas e bibliotecas existentes na cidade.

Da mesma maneira que a experiência estética se faz a partir da apropriação das diferentes linguagens artístico-culturais, ela se reflete nos processo de criação, nos processos de produção artístico-cultural de todos, tanto no seu quanto no das crianças.

Quando pensamos em arte na Educação Infantil, enfatizamos a importância do trabalho em todas as linguagens, sem hierarquia de valores. Desenhar é tão importante quanto ouvir música, pintar, brincar ou dramatizar. Esculpir é tão fundamental quanto ouvir histórias, quanto fazer colagem – e assim por diante.

Fundamental é valorizarmos o processo de apropriação e de produção das crianças e dos adultos nestas tantas formas de expressão, viabilizando uma experiência estética significativa para todos.

PARA RELEMBRAR

- O desenho, a pintura, a colagem, a fotografia e as diferentes formas de gravura são expressões bidimensionais, linguagens que a criança pode usar para expressar-se, reorganizando o mundo em que vive em um diálogo permanente com seu imaginário. Por ser uma história, a expressão bidimensional é chamada narrativa visual e, se cada um tem “o seu jeito” de expressar-se, significa que não há apenas um meio de fazê-lo.
- O mundo é multicolorido, multiforme e diverso em suas texturas. Incentivar que as crianças fiquem mais atentas para as cores, formas e texturas do mundo – tanto da natureza quanto dos bens culturais – é um grande estímulo para elas e uma oportunidade de sensibilizar seu olhar e ampliar seu repertório. Não importa se a criança está usando formas específicas ou cores tais e quais – menos ainda se sabem seus nomes corretamente. Nos interessa, sim, que em suas expressões (desenhos, pinturas, colagens) possam explorar diferentes formas, cores e texturas, ampliando seu acervo de sensações e de imagens, combinando-as entre si, de maneira própria, autoral.

- A forma como você e sua turma de crianças vão organizar o espaço e os materiais vai depender, antes de tudo, de sua realidade, propiciando um espaço acolhedor, prazeroso e desafiador, que instigue a curiosidade e o desejo de produzir das crianças, propicie relações em grandes e pequenos grupos, que viabilize a expressão bi e tridimensional tanto vertical quanto horizontalmente, colorido e convidativo às suas expressões pessoais. A partir de sua realidade e da disponibilidade de sua comunidade, você pode montar uma espécie de “espaço de criação” que será arrumado de uma forma, ou de outra, dependendo do tamanho. Entretanto, o material deve ser limpo, seguro, organizado e, principalmente, estar ao alcance das crianças, pois isso facilitará sua autonomia. As paredes são usadas para colocar sempre trabalhos feitos pelas crianças, fotografias variadas e reproduções de obra de arte.
- Devemos proporcionar desafios e incentivar, nas crianças, a curiosidade e o desejo pelas diferentes linguagens – dança, música, teatro e artes visuais – tanto a curiosidade e o desejo de conhecê-las (processo de apropriação), quanto de fazer uso delas (processo de produção ou processo criador). No caso das Artes Visuais, a educação do olhar sensível é a base. Se, de um lado, somos um dos principais sujeitos responsáveis por mostrar às crianças as diversas coisas que existem nesse mundo, não vamos conseguir mostrar aquilo que não conhecemos. Por isso é necessário que ampliemos o nosso olhar sensível para a vida, ampliando nosso repertório com nomes consagrados e trabalhos nacional ou mundialmente reconhecidos. O que é mais importante para o processo de apropriação estética é a regularidade e frequência da experiência. Assim, devemos pensar em como a convivência regular com objetos estéticos passa a fazer parte da rotina das crianças e viabiliza a ampliação do seu aprendizado do “gosto”. Por fim, vale lembrar que, mais confiantes nelas mesmas, as crianças serão capazes de ver suas produções e observar, questionar, levantar hipóteses, arriscar mais experiências, transgredir o estabelecido, ousar mais e, conseqüentemente, criar mais e de forma autoral. Elas estarão mais confiantes para emitirem opiniões sobre os trabalhos de seus(suas) colegas e conseguirão, por isso, aceitar e refletir melhor sobre as sugestões e críticas que eventualmente venham a receber destes.

ABRINDO NOSSOS HORIZONTES

Orientações para a prática pedagógica

O trabalho com Arte é sempre um risco. Por sua característica transgressora, a Arte trabalha no campo simbólico, no campo das idéias, mundo do possível: tudo cabe como uma grande brincadeira! Ela é uma expressão do mundo através de suas diferentes linguagens. Portanto, a Arte, tanto no que se refere aos processos de apropriação, quanto aos de criação, exige a experiência, exige abertura para o mundo, e, por ser baseada na experiência direta, redimensiona o conhecimento, pois só na hora que passa pela experiência o aprendizado ganha significado. À medida em que através dessas linguagens artístico-culturais as crianças se expressam e expressam a sua época, a arte ganha, também, importância na constituição de suas identidades, pois expressa o mundo nela incorporado. É preciso experienciar o mundo!

No livro que sugerimos a seguir, você poderá encontrar mais subsídios para orientar seu trabalho com as crianças.

MARTINS, Mirian Celeste et al. *Didática do ensino da arte: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte*. São Paulo: FTD, 1998.

O livro cuja referência apresentamos neste quadro traz perguntas, propõe exercícios e questionamentos sobre o trabalho com artes na escola. É escrito diretamente para o(a) professor(a) que, como você, está mergulhado(a) em sua prática cotidiana junto com crianças.

A experiência requer sujeitos observadores. Para tal, não podemos ser imediatistas e, assim, não podemos ter pressa. A experiência estética requer tempo. Temos de aprender o desapego, a paciência. Por isso, finalizamos este texto reforçando o convite e desafio anteriormente postos: comece hoje, se possível, com cinema, museu, teatro, música, dança, pintura ou literatura. O importante é que comecemos a abrir os olhos e nos autorizemos a experimentar esteticamente o mundo ao nosso redor, compartilhando essa novidade com as crianças. Lendo romances e poesias, vendo filmes, contemplando imagens, assistindo danças e ouvindo músicas, reorganizamos nossas relações com o mundo através de linguagens estéticas e poéticas e, à medida em que abrimos nosso próprio repertório visual, poético, teatral e musical, podemos

abrir este universo aos meninos e meninas com os quais trabalhamos. O fundamental nesse processo são as marcas que queremos deixar mais a certeza do encontro do que modelos a serem seguidos e, sobretudo, o desejo da busca, da autoria e da autonomia.

GLOSSÁRIO

Bens culturais: aqueles construídos pelo homem; datados historicamente. Dizem do modo de ser, agir, pensar e simbolizar de um povo.

Educação do olhar sensível: parte da educação estética que privilegia o olhar; portanto, é base dos processos de apropriação em artes visuais. Entretanto, como falamos de inteireza, ela não exclui os demais sentidos.

SUGESTÕES PARA LEITURA

CAVALCANTI, Zélia (Coord.). Arte na sala de aula. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

OSTETTO, Luciana Esmeralda, LEITE, Maria Isabel. Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão. São Paulo: Papirus, 2004.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GALEANO, E. Bocas do tempo. Porto Alegre: L&PM, 2004.

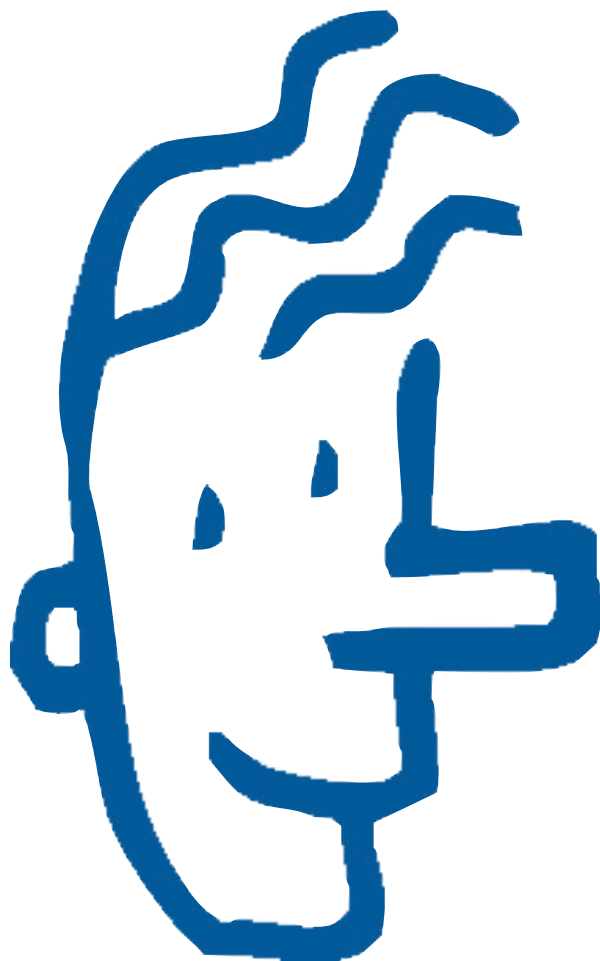
MARTINS, Mirian Celeste et al. Didática do ensino da arte: a língua do mundo – poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.


NEWBERY, E. Os segredos da arte. São Paulo: Editora Ática, p. 17.

RICHTER, Sandra. Criança e pintura – ação e paixão do conhecer. Porto Alegre: Mediação, 2004.



C - ATIVIDADES INTEGRADORAS





O trabalho com artes visuais na Educação Infantil e seu papel no desenvolvimento da criança foi o tema da Unidade 5 do Módulo IV. A atividade que propomos a seguir tem o objetivo de proporcionar a você uma experiência de trabalho com artes visuais que pode enriquecer seu repertório cultural e, ao mesmo tempo, oferecer subsídios para seu trabalho com as crianças.

Antes do encontro quinzenal

- Leia o texto de Fundamentos da Educação deste módulo.
- Leve para o encontro quinzenal materiais de sucata diversificados: retalhos de papel, tecido, linhas, lãs, embalagens de papelão, caixas de fósforo, garrafas de plástico (pet), revistas velhas, meias velhas, botões, palitos de fósforo e de picolé etc. Além disso, leve também canetas hidrocor, guache, tesoura, agulha, linha e cola.

Durante o encontro quinzenal

- Em seu grupo do PROINFANTIL, façam uma oficina de construção de objetos com sucata. Cada um dos componentes do grupo pode contribuir com idéias interessantes. Podem ser brinquedos, fantoches, objetos de decoração ou o que mais a imaginação do grupo sugerir.
- Caso seja possível, fotografem o processo de trabalho do grupo e o resultado da atividade.
- Leve ao seu tutor a idéia de fazer uma exposição desse material no encerramento do PROINFANTIL, juntando-o ao material produzido por outros grupos. Essa seria uma forma muito interessante de celebrar o trabalho realizado ao longo do curso e, ao mesmo tempo, uma forma de trocar experiências entre professores(as).

Depois do encontro quinzenal

- Troque idéias sobre o trabalho realizado com a sucata entre os(as) professores(as) da instituição na qual você trabalha e realize algo parecido com as crianças.
- Caso você trabalhe sozinho(a), escreva sobre essa experiência e sugira ao seu tutor que reúna o seu relato ao de outros(as) professores(as) para que constituam um material a ser socializado entre professores(as).





Esta obra foi composta na Editora Perfil e impressa na Esdeva, no sistema off-set, em papel off-set 90g, com capa em papel cartão supremo 250g, plastificado brilhante, para o MEC, em fevereiro 2006. Tiragem: 10.000 exemplares.